

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**PATRÍCIA QUIRINO ROCHA**

**CULTURA E IDENTIDADE NO SERTÃO DE ALAGOAS:  
UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE TRADICIONAL  
ALTO DOS COELHOS EM ÁGUA BRANCA – AL**

**Delmiro Gouveia – AL  
Março 2017**

**PATRÍCIA QUIRINO ROCHA**

**CULTURA E IDENTIDADE NO SERTÃO DE ALAGOAS:  
UM ESTUDO SOBRE A COMUNIDADE TRADICIONAL  
ALTO DOS COELHOS EM ÁGUA BRANCA – AL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

**Orientadora:** Prof. Dr.<sup>a</sup> Angela Fagna Gomes de Souza

**Delmiro Gouveia - AL  
Março 2017**

R672c Rocha, Patrícia Quirino.

Cultura e identidade no Sertão de Alagoas: um estudo sobre a comunidade tradicional Alto dos Coelhos em Água Branca - AL / Patrícia Quirino Rocha. - 2017.  
76f.:il.

Monografia (Geografia) – Universidade Federal de Alagoas, Delmiro Gouveia, 2017.  
Orientação: Angela Fagna Gomes de Souza.

1. Identidade cultural. 2. Formação sociocultural.  
3. Comunidade Alto dos Coelhos.

CDU 39:316.752

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Campus Sertão/

UFAL – Delmiro Gouveia

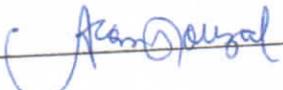
## FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR(A): **PATRICIA QUIRINO ROCHA**

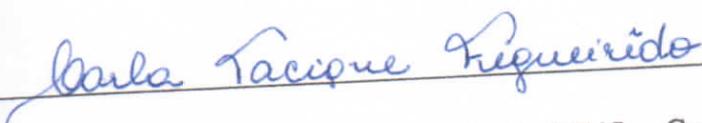
"Cultura e identidade no Sertão de Alagoas: um estudo sobre a comunidade tradicional Alto dos Coelhos em Água Branca-AL" - Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 23 de março de 2017.

### Banca Examinadora:

  
\_\_\_\_\_  
(Profa. Dra. Angela Fagna Gomes de Souza, UFAL – Campus do Sertão)  
(Orientador(a))

  
\_\_\_\_\_  
(Profa. Ms. Ana Rísia Soares Camêlo, UFAL – Campus do Sertão)  
(1º Examinador(a))

  
\_\_\_\_\_  
(Profa. Dra. Carla Taciane Figueiredo, UFAL – Campus do Sertão)  
(2º Examinador(a))

A meu melhor amigo, Deus, pois nada seria possível sem Ele, a minha mãe que mesmo longe nunca foi ausente e aos meus queridos irmãos que sempre acreditam em mim.

## AGRADECIMENTOS

Desde o momento que sai da minha cidade, Euclides da Cunha – BA, para estudar fora tive a confirmação e a promessa de Deus de que eu ia alcançar meus objetivos, por isso quero agradecer a Deus por seu imenso cuidado para com a minha vida e por ter colocado tantas pessoas especiais nela. Não foi fácil sair da casa dos meus pais apenas com uma promessa e um sonho, mas em tudo Deus cuidou de mim.

Agradeço à dona Cida, minha, que me ensinou desde criança que a educação é o melhor caminho a ser trilhado, pois mesmo sendo de origem humilde e vindo de uma família de analfabetos e semianalfabetos entende que a educação é a única arma capaz de mudar o mundo. Agradeço aos meus irmãos, Paloma e Pitágoras, porque depositaram em mim a confiança de que eu iria conseguir concluir essa etapa da minha vida e me estimularam a nunca desistir. De modo geral agradeço a minha família, os Quirinos, que de tantas formas positivas foram fundamentais durante minha graduação, essa conquista também é deles, pois de oito filhos e vinte e três netos infelizmente sou a segunda neta de meus avós a me graduar.

Também contei com a auxílio de muitos amigos que conheci na UFAL, agradeço a eles, pois em muitos momentos da minha trajetória acreditaram mais em mim do que eu mesma. Muitos desses amigos conheci na minha turma, a turma considerada, e durante esses quatro anos construímos vínculos que irão permanecer para além da UFAL. Nessa caminhada a presença dos meus mestres, os professores, foi de extrema importância, porque de diferentes formas contribuíram para minha graduação, desde os momentos em sala de aula aos encontros fora dela.

E em especial quero agradecer a minha orientadora, Angela Fagna, por ter sido a melhor que eu poderia ter, pois foi presente durante toda a elaboração da minha pesquisa e apesar de estar afastada da UFAL aceitou ao meu convite.

Não poderia deixar de agradecer ao Grupo de Extensão em Estudos de Geografia Cultural do Sertão Alagoano onde conheci Felipe, Maria, Gileide, Rodolfo e Amanda, pessoas comprometidas com os estudos sobre a geografia cultural, obrigada pelos momentos de partilha do conhecimento e pela amizade.

Quero agradecer em especial novamente a Felipe por suas dicas e sugestões para aprimorar meu trabalho e a Flávio por seu incrível mapa, sem vocês dois com certeza teria sido mais difícil concluir meu trabalho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço aos moradores de Alto dos Coelhos por terem me acolhido tão calorosamente, agradeço em particular a Nalva e a Priscila, pois me receberam em seu lar e me trataram com muito carinho.

A todas essas pessoas faço questão de agradecer, pois vivemos tempos de relacionamentos instantâneos, vazios de sentimentos e cheios de interesses, e mesmo com toda essas superficialidades dos atuais modos de se relacionar vocês se mantiveram amigos fieis, verdadeiros e constantes.

Apesar de árdua e solitário, o processo de pesquisa é também um desafio, pois a paixão pelo desconhecido, pelo novo, pelo inusitado acaba por invadir o espaço do educador, trazendo-lhe alegrias inesperadas. (IVANI, Catarina Arantes Fazenda).

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a identidade cultural e as territorialidades da comunidade tradicional Alto dos Coelhos, localizada no município de Água Branca, Sertão de Alagoas, visando entender o processo de formação sociocultural e territorial da comunidade. Portanto, para alcançar esse objetivo buscamos compreender o processo de formação histórica e territorial da comunidade Alto dos Coelhos, pesquisamos os modos de vida, a identidade e a cultura dos moradores da comunidade Alto dos Coelhos e por fim construímos uma reflexão sobre os aspectos culturais que permeiam as territorialidades dos moradores da comunidade de Alto dos Coelhos. Como caminho metodológico optamos pela geoetnografia, pautada nos autores: Neves (2006), Souza (2013) e Chizzotti (2008), visando compreender os modos de vida, o cotidiano, as crenças, os valores e os costumes da comunidade. Nesse sentido, foram realizadas observações, registros fotográficos, entrevistas semiestruturadas e pesquisas de campo, além da busca por fontes secundárias (Prefeitura de Água Branca – AL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria de Educação e Secretaria de Agricultura). Como forma de compreender as identidades culturais e territoriais de Alto dos Coelhos analisamos algumas de suas formas de territorialidades, a exemplo da festa do padroeiro São José, o cotidiano e o trabalho das mulheres na terra e como feirantes. Foi possível perceber que a comunidade é repleta de expressões culturais, intimamente ligadas as suas origens e modos de vida. Portanto, neste estudo buscamos fortalecer o debate sobre as comunidades tradicionais, as estratégias de preservação da cultura e as identidades territoriais da comunidade tradicional Alto dos Coelhos.

**Palavras-chave:** Comunidade tradicional. Alto dos Coelhos. Identidade Cultural. Territorialidades.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the cultural identity and the territorialities of the traditional community Alto dos Coelhos, located in the county Água Branca, backwoods of Alagoas, aiming to understand the socio-cultural and territorial process of formation of the community. Therefore, to achieve this goal, we seek to the process of historical and territorial formation of the Alto dos Coelhos community, we search about the ways of life, the culture and identity of the residents of Alto Alto dos Coelhos community and finally we construct a reflection about the culture that permeates the territorialities of the inhabitants of the Alto dos Coelhos community. As methodological way for geoethnography, based on the authors: Neves (2006), Souza (2013) e Chizzotti (2008), seeking to understand the ways of the life, the daily, the beliefs, values and the community customs. In this sense, observations, photographic records, semi-structured interviews and field surveys were carried out, as well as the search for secondary sources (Prefeitura de Água Branca – AL, IBGE, Secretaria de Educação e Secretaria de Agricultura). As a way to understand the cultural and territorial identities of the Alto dos Coelhos we analyze some of its forms of territoriality, such as the patron's party São José The daily life and the women work on earth and the marketers. It was possible to realize that the community is full of cultural expressions, closely linked to its origins and ways of life. Therefore, this study aimed to strengthen the discuss about traditional communities, strategies for preserving culture and territorial identities of the traditional community Alto dos Coelhos.

**Key Word:** Traditional community. Alto dos Coelhos. Cultural Identity. Territorialities.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|           |   |    |
|-----------|---|----|
| Figura 01 | Vista panorâmica da comunidade Alto dos Coelhos em Água Branca – AL..     | 14 |
| Figura 02 | Primeira casa da comunidade Alto dos Coelhos.....                         | 19 |
| Figura 03 | Planta da comunidade Alto dos Coelhos.....                                | 22 |
| Figura 04 | Rua principal da comunidade.....  | 23 |
| Figura 05 | Escola Municipal da Comunidade.....                                       | 23 |
| Figura 06 | Relevo de Alto dos Coelhos: depressão sertaneja.....                      | 24 |
| Figura 07 | Imagem de satélite de Alto dos Coelhos.....                               | 25 |
| Figura 08 | Mapa de localização da comunidade Alto dos Coelhos.....                   | 25 |
| Figura 09 | Igreja Católica de Alto dos Coelhos.....                                  | 27 |
| Figura 10 | Festa dos vaqueiros.....  | 28 |
| Figura 11 | Moradora da comunidade fazendo crochê.....                                | 33 |
| Figura 12 | Darci tecendo cesto com palha de coqueiro.....                            | 33 |
| Figura 13 | Área de plantação das hortaliças e bananeiras.....                        | 34 |
| Figura 14 | Andor com a imagem de São José.....                                       | 36 |
| Figura 15 | Banda de pífano tocando na festa de São José.....                         | 38 |
| Figura 16 | Moradores participando do bingo em frente à igreja.....                   | 40 |
| Figura 17 | Noite da festa do Padroeiro São José.....                                 | 41 |
| Figura 18 | Celebração da missa em homenagem a São José.....                          | 42 |
| Figura 19 | Feira livre de Delmiro Gouveia.....                                       | 43 |
| Figura 20 | Dona Carmelita em sua barraca na feira de Delmiro Gouveia-AL.....         | 44 |
| Figura 21 | Barraca de legumes, frutas e verduras da moradora Cíntia.....             | 47 |
| Figura 22 | Moradores da comunidade conversando ao ar livre.....                      | 54 |
| Figura 23 | Momento de lazer e confraternização dos moradores de Alto dos Coelhos.... | 62 |
| Figura 24 | Senhora mostrando foto antiga a uma jovem.....                            | 63 |
| Figura 25 | Momento de lazer dos homens na comunidade.....                            | 65 |

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>  | <b>11</b> |
| <b>1. FORMAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DA COMUNIDADE TRADICIONAL ALTO DOS COELHOS EM ÁGUA BRANCA – AL .....</b> | <b>14</b> |
| 1. 1 O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....   | 15        |
| 1.2 PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DA COMUNIDADE DE ALTO DOS COELHOS .....                                   | 18        |
| 1. 3 A COMUNIDADE HOJE.....  | 21        |
| 1.4 AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS EM ALTO DOS COELHOS .....  | 26        |
| <b>2. A COMUNIDADE ALTO DOS COELHOS E SEUS MODOS DE VIDA .....</b>   | <b>32</b> |
| 2.1 O COTIDIANO DA COMUNIDADE.....   | 32        |
| 2.2 FESTA DO PADROEIRO SÃO JOSÉ EM ALTO DOS COELHOS .....  | 36        |
| 2.3 O TRABALHO DAS MULHERES DA COMUNIDADE.....   | 43        |
| <b>3 IDENTIDADE CULTURAL E TERRITORIALIDADES NA COMUNIDADE ALTO DOS COELHOS, ÁGUA BRANCA-AL .....</b>        | <b>52</b> |
| 3. 1 PERTENCIMENTO E IDENTIDADES TERRITORIAIS NA COMUNIDADE DE ALTO DOS COELHOS .....                        | 52        |
| 3.2 CONCEITO DE CULTURA E SUA RELAÇÃO COM AS IDENTIDADES E COM O TERRITÓRIO .....                            | 58        |
| 3.3 OS VÍNCULOS IDENTITÁRIOS E AS CARACTERÍSTICAS INTRÍNSECAS EM ALTO DOS COELHOS .....                      | 60        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>67</b> |
| <b>ANEXOS .....</b>  | <b>73</b> |
| ANEXO 1.....   | 74        |
| ANEXO 2.....   | 76        |

## INTRODUÇÃO

A cultura vem ao longo do tempo sofrendo alterações, a maioria delas decorrente do grande avanço tecnológico-científico, que traz para essas localidades a influência de outras culturas e modos de vida por meio da mídia ou do contato com pessoas de outras localidades. Cada vez mais o acesso a vias de transporte é facilitado e acessível, conseqüentemente o modo de vida do nordestino e sertanejo vem sendo alterado, ou seja, as culturas estão cada vez mais se misturando ou, segundo Cancline (2003), tornando-se híbridas.

De acordo com Mello (2009) a cultura é mutável, diante disso, torna-se imprescindível estudar os atuais modos de vida das comunidades tradicionais e como elas têm se comportado e reagido diante dos diferentes tipos de influência que o mundo vem sofrendo, especialmente na comunidade de Alto dos Coelhos, objeto de nosso estudo.

A comunidade de Alto dos Coelhos pertence ao município de Água Branca – AL, tinha em 2010, de acordo com o IBGE, uma população de 461 pessoas. Infelizmente não há registro sobre o ano exato de sua fundação, porém a partir das entrevistas e conversas com os moradores chegamos a uma média de 100 anos de existência da comunidade.

A opção por estudar a comunidade de Alto dos Coelhos sobreveio quando em visita a mesma percebemos quão forte são os laços de afetividade e familiaridade entre os moradores, portanto, estudamos uma comunidade que tem em sua história e memória singularidades, pois a maioria das famílias do povoado são da mesma descendência genealógica, fato que fortalece a cultura local, a memória e o sentimento de pertencimento ao seu lugar de vida e trabalho.

Portanto, em nossa pesquisa buscamos responder alguns questionamentos voltados para a compreensão da identidade cultural e territorial, para isso indagamos: De qual forma a história de formação da comunidade influencia nos modos de vida, na cultura e nas identidades de seus moradores? Quais estratégias os moradores tem usado para permanecerem na comunidade? Os vínculos de parentescos são importantes na construção sociocultural dos moradores? Como vem se comportando, ao longo do tempo, a cultura e as identidades culturais e territoriais na comunidade? E, de qual forma identificamos os traços de identidade e de territorialidades na comunidade Alto dos Coelhos?

A pesquisa tem como principal objetivo analisar a identidade cultural e as territorialidades da comunidade Alto dos Coelhos em Água Branca-AL. Assim, buscamos compreender o processo de formação sociocultural e territorial da comunidade, pesquisando os modos de vida, a identidade e a cultura dos moradores da comunidade, afim de

construirmos uma reflexão sobre os aspectos culturais que permeiam as identidades e as territorialidades dos moradores da comunidade de Alto dos Coelhos. Algo inerente às identidades culturais e territoriais é que elas deixam marcas não apenas nos sujeitos que as possuem, mas também no território que ele habita. Portanto, em nosso estudo buscamos perceber essas marcas que remetem a identidade e a territorialidade de seus moradores.

Assim, buscamos desenvolver a pesquisa tendo como aporte metodológico a etnografia, pois na pesquisa qualitativa geotnográfica não cabe ao geógrafo definir características, rotular ou classificar o objeto em análise, mas sim observar e compreendê-lo a medida que ele o conhece. Compete ao pesquisador a habilidade, e muitas vezes a sensibilidade, de desvendar a natureza de seu objeto.

Para isso realizamos entrevistas e conversas com os moradores e fizemos observações empíricas da comunidade para, dessa forma, reunir o máximo de informações sobre a mesma, buscando sempre relacionar o que os moradores falavam nas entrevistas com suas práticas cotidianas. Portanto, dividimos em etapas os procedimentos metodológicos da pesquisa, para traçarmos o melhor caminho para entender a cultura e as territorialidades desses sujeitos.

Na primeira etapa, procedemos a leitura do referencial teórico-conceitual sobre os conceitos de cultura, baseado na interpretação de Laraia (1986) e Mello (2009), em uma abordagem antropológica e não geográfica. Stuart Hall (2006), também sociólogo, mas diferente dos outros autores citados anteriormente, traz em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” uma abordagem sobre os diferentes usos do espaço e sua influência na constituição da identidade cultural, questão considerada fundamental para a análise dessa pesquisa.

Em um segundo momento da pesquisa, buscamos dados quantitativos sobre a comunidade em fontes secundárias tais como: Prefeitura de Água Branca – AL, IBGE, Secretária de Educação e Secretaria de Agricultura. Nessas consultas obtivemos dados referentes à escola, posto de saúde, associação de moradores.

De forma complementar realizamos visitas de observação na comunidade de para analisar a extensão territorial, o tamanho da população e o tempo da comunidade. Essas informações foram de extrema importância para que tivéssemos as primeiras impressões sobre a realidade da pesquisa, além de ter sido informações adicionais já que os órgãos públicos do município não oferecem todos os dados necessários.

E, posteriormente, adentrarmos a comunidade, na terceira etapa da pesquisa, nesse momento realizamos pesquisas de campo e usamos as entrevistas semiestruturadas e as

observações empíricas, visando captar o máximo de informações possíveis, visando compreender as identidades e territorialidades da comunidade.

A categoria geográfica que deu suporte a pesquisa foi o território, através dos autores: Araújo; Haesbaert (2007), Almeida (2005), Saquet (2008) e Raffestin (2008). Por meio dessas leituras compreendemos o território como uma parcela do espaço geográfico criada através das ações humanas realizadas sobre ele, as territorialidades.

Estruturamos o corpo da pesquisa em três capítulos, a saber: “Formação histórica e cultural da comunidade tradicional Alto dos Coelhos em Água Branca – AL”, “A comunidade Alto dos Coelhos e seus modos de vida” e “Identidade cultural e territorialidades na comunidade Alto dos Coelhos, Água Branca – AL”.

No primeiro capítulo abordamos a história de formação da comunidade Alto dos Coelhos, suas características atuais e suas tradições religiosas. No segundo capítulo apresentamos os aspectos do cotidiano da comunidade, enfocando especialmente a festa do padroeiro São José e o trabalho das mulheres como feirantes e agricultoras. Por fim, no último capítulo, tecemos uma reflexão sobre a comunidade Alto dos Coelhos a partir de suas territorialidades e suas identidades cultural e territorial.

## 1. FORMAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL DA COMUNIDADE TRADICIONAL ALTO DOS COELHOS EM ÁGUA BRANCA – AL

As comunidades tradicionais por muito tempo tiveram pouca evidência nos estudos geográficos, no entanto, elas vêm se mostrando de fundamental importância no que diz respeito às análises regionais e às discussões sobre território. Para isso desenvolvemos uma pesquisa que utiliza a formação sociocultural e territorial da comunidade Alto dos Coelhos (Figura 01) em Água Branca- AL como objeto de estudo, visando conhecer e compreender o processo de formação desta comunidade a partir dos seus processos de territorialização.

Figura 01 - Vista panorâmica da comunidade Alto dos Coelhos em Água Branca – AL



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Julho de 2015.

A comunidade tradicional Alto dos Coelhos, é o *lócus* da vida de pessoas que amam seu lugar, ali desenvolvem suas atividades diárias e na terra encontram inspiração para prosseguir na vida de tal forma que, quando estão longe sentem-se incompletos. O modo de ser dos moradores está diretamente ligado aos ensinamentos de seus pais e de seus antepassados, a valorização da família como base da vida contribui para o fortalecimento das identidades territoriais desses sujeitos. Apesar da identidade não ser algo estático e pleno, essa valorização dos ensinamentos familiares vem, ao longo do tempo, contribuindo para a consolidação da identidade desses sujeitos.

## 1. 1 O CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Essa pesquisa teve início no âmbito do Programa Institucional de Bolsa a Iniciação Científica (PIBIC) no período de Agosto de 2014 a Julho de 2015 com o projeto “Identidades e socioespacialidades no Sertão de Alagoas: estudos regionais sobre cultura, territorialidades e ambiente”, tendo como objetivo estudar as identidades regionais do sertão alagoano através da análise de comunidades tradicionais, sendo Alto dos Coelhos uma das comunidades selecionadas para a pesquisa. Após a conclusão do projeto continuamos estudando a comunidade de Alto dos Coelhos por entender que ainda havia elementos culturais e territoriais que ainda não tinham sido alcançados.

Buscamos estudar a comunidade tradicional através da etnografia, método de análise dos antropólogos, que vem sendo utilizado pelos geógrafos em suas pesquisas, porém com nomenclatura própria: geoetnografia que, de acordo com Souza (2013), é a interação entre a geografia e a antropologia tendo como objetivo:

[...] obter os dados de forma descritiva, e não por meio da estatística. O que interessa nesse tipo de pesquisa é a forma como os dados são coletados, priorizando o contato direto do pesquisador com o objeto estudado, valorizando instrumentos como a entrevista, a análise documental e as observações diretas (SOUZA, 2013, p. 57).

Entendemos que esse procedimento metodológico é o mais adequado para nossa investigação por se mostrar eficiente no que consiste em conhecer com clareza o objeto de estudo, pois, segundo Neves (2006, p. 4) “[...] é possível entender a comunidade através do ponto de vista de seus membros, e descobrir as interpretações que eles dão aos acontecimentos que os cercam.”.

Utilizando a geoetnografia conseguimos compreender a comunidade estando inseridos nela, usando a percepção que os moradores têm de si, ouvindo suas histórias, presenciando suas atividades desenvolvidas no cotidiano, percebendo suas culturas, conhecendo seus trabalhos, notando o sentimento que possuem para com a comunidade e o que ela significa para os mesmos. Segundo Chizzotti (2008), é ação de etnografar que auxiliará na descrição e compreensão do fenômeno estudado buscando compartilhar “[...] de suas práticas, hábitos, rituais e concepções, sem pré-julgamento ou preconceitos pessoais para compreender a cultura dos grupos.” (CHIZZOTTI, 2008, p.71-72).

Na pesquisa qualitativa geoetnográfica não cabe ao geógrafo definir características, rotular ou classificar o objeto em análise, mas sim observá-lo e compreendê-lo à medida que o conhece. Compete ao pesquisador a habilidade, e muitas vezes a sensibilidade, de desvendar a

natureza de seu objeto. Nesse tipo de pesquisa é o pesquisador o maior instrumento de coleta, ele é o elo entre o que está sendo pesquisado e a pesquisa. Portanto, “o observador participante experimenta estar dentro e fora da situação estudada, e se transforma, ele mesmo, em um importante instrumento de pesquisa [...]” (NEVES, 2006, p. 7).

Sendo assim, o pesquisador deve ter uma postura confiável, uma vez que disso dependerá a veracidade de seus dados, esses por sua vez devem ser obtidos com cautela, porque o modo como eles são coletados influencia diretamente nos resultados. Os dados da pesquisa qualitativa não são apenas sistematizados em gráficos e tabelas como nas pesquisas quantitativas onde sua interpretação não deixa margem de dúvida já que se trabalha com resultados exatos, diferente da pesquisa qualitativa onde os dados são analisados e sujeitos a diversas interpretações subjetivas, a depender do olhar de cada pesquisador.

O instrumento de obtenção desses dados é o trabalho de campo, pois de acordo com Souza (2013, p. 58), “somente com ele é possível que o pesquisador tenha um contato direto com a cultura do grupo estudado e procure decifrar seus signos e significados.”. É no trabalho de campo que temos o contato direto com a comunidade, conversamos com os moradores e buscamos assim compreender seus modos de vida, suas tradições, seu cotidiano e sua história para então entender como acontecesse os processos de territorialização da/na comunidade.

O pesquisador que utiliza a geoetnografia como instrumento metodológico não pode ser um observador passivo e distante do seu objeto, ele precisa acompanhar seu objeto minuciosamente no intuito de entendê-lo com profundidade. Essa aproximação com o objeto também ajuda o pesquisador a não ser visto pelas pessoas da comunidade, como é o caso de nossa pesquisa, como um estranho e perturbador da ordem natural da mesma, mas como um conhecido de todos e isso facilitará a aproximação e a coleta de dados, assim os moradores ficarão mais confiantes para compartilhar suas histórias e experiências na comunidade, sem esquecer que o “[...] objetivo maior dessa proposta é buscar entender pela visão ‘deles’, de como ‘eles dizem’ e sobre a forma ‘como eles vivem’.” (SOUZA, 2013, p. 64).

Antes de adentrarmos na comunidade buscamos compreender o que é a comunidade tradicional e quais as características que a faz ser considerada como tal, pois é importante que o pesquisador adentre o campo de pesquisa com os conceitos claros na sua mente para que, dessa forma, ele possa associar o empírico ao teórico e tenha suporte científico para as suas observações em campo.

Após a análise bibliográfica, realizamos pesquisas de campo. Nesse sentido, aplicamos entrevistas semiestruturadas (anexo 1), mediante autorização dos entrevistado por meio do termo de autorização para o uso das falas e da imagem dos mesmos (anexo 2), com os

moradores de diferentes faixas etárias com o intuito de ouvir os relatos tanto de pessoas com mais tempo de vivência, quanto dos mais jovens. Consideramos ser imprescindível analisar o perfil dos moradores e suas respectivas experiências. Utilizamos o mesmo roteiro de entrevista para todos os entrevistados e as perguntas eram relacionadas ao tipo de atividade econômica que eles desenvolvem, suas religiosidades, suas tradições, os ensinamentos familiares, a história de ocupação da comunidade e o sentimento de pertencimento a comunidade.

Nas etapas da pesquisa buscamos primeiramente, compreender os conceitos de cultura, territorialidade e comunidade tradicional. Para isso fizemos leituras de algumas referências bibliográficas dentre elas: Diegues (2001), Brandão (2012), Souza (2012), Corrêa (2011), Claval (2007), Laraia (1986), Mello (2009), Cunha (2012), Araújo; Haesbaert (2007), Macial (2010) e Paula (2012).

Participamos da maior festa promovida pela comunidade, a festa do padroeiro São José que acontece todos os anos no mês de Março que posteriormente abordaremos com maior profundidade. Observamos o momento das celebrações e homenagens ao santo nas missas, novenas, nos shows musicais e na recepção dos amigos em suas casas. Presenciar esses momentos foi fundamental na geotnografia, uma vez que assistimos de perto o comportamento dos moradores e percebemos através de suas manifestações os significados deste ritual para a vida dos moradores da comunidade.

Em nossa pesquisa na comunidade de Alto dos Coelhos percebemos que a medida que passávamos de sujeitos desconhecidos para conhecidos na comunidade os moradores ficavam mais abertos aos diálogos, conversavam mais fluidamente, sem medo e com a liberdade de se expressarem naturalmente. Portanto, conviver com os moradores, passar a fazer parte do cotidiano da comunidade contribuiu positivamente para a coleta dos dados e organização das informações a respeito desses sujeitos. Nos trabalhos de campo não nos limitamos apenas a visitar a comunidade por determinada quantidade de horas, mas demos prioridade a dormir na comunidade, participamos de todos os momentos diários, desde o nascer do sol onde as pessoas saem para trabalhar ou cuidar de seus afazeres domésticos até os momentos de lazer nas praças junto a seus vizinhos e amigos. O contato e a relação de proximidade nos fez passar da qualidade de “sujeito desconhecido” para a qualidade de “sujeitos conhecidos”, o que viabilizou a realização de entrevistas e o entendimento do cotidiano da comunidade pela voz dos seus moradores.

Estudando a comunidade de Alto dos Coelhos percebemos que só foi possível compreender as tradições, as culturas, as religiosidades, as crenças, as identidades e as

territorialidades dos moradores da comunidade através da convivência com os mesmos, da permanência na comunidade, na partilha dos momentos familiares, como durante as refeições, por exemplo. Entendemos que esta proximidade só aconteceu em função da nossa opção pelo uso da geotnografia como caminho metodológico de pesquisa que nos proporcionou um olhar atento e minucioso sobre a comunidade.

Chizzotti (2008, p. 24) escreve que a ciência “tem diferentes meios de procurar”, ela utiliza diversos caminhos para chegar ao seu objetivo, pois existem diferentes tipos de pesquisas, dentre elas a pesquisa qualitativa envolve estudos que visam descrever saberes, culturas, festas e de todos os fenômenos que fazem parte do cotidiano humano e esta foi a nossa opção de pesquisa buscando desvendar com precisão a cultura e identidade da comunidade Alto dos Coelhos em Água Branca, Sertão de Alagoas.

A partir de nossas pesquisas de campo foi possível identificar e entender a história de formação da comunidade, conforme descrevemos no tópico seguinte.

## 1.2 PROCESSO HISTÓRICO DE FORMAÇÃO DA COMUNIDADE DE ALTO DOS COELHOS

O surgimento da comunidade aconteceu quando seu fundador, Antônio Coelho de Araújo, a pedido do barão<sup>1</sup> de Água Branca, foi enviado para expandir o pasto bovino nas terras denominadas de Caraunã, localidade pertencente ao município de Água Branca – AL. Atualmente existe um monte nesse município que leva o nome Caraunã, esse monte possui 596 metros de altitude e é visitado na semana santa pelos fiéis da região que demonstram sua fé pagando promessas que fazem a Deus e aos Santos. Conforme relatos obtidos em campo, Antônio Coelho foi escolhido pelo barão por ser um homem responsável, trabalhador, de bom caráter e por ser filho de um dos seus melhores vaqueiros, chamado Braga, este por sua vez era casado com a filha mais velha de Arnaldo Coelho fundador da comunidade Tingui, localizado nas proximidades da atual comunidade. Alto dos Coelhos e Tingui são comunidades que foram povoadas por pessoas da mesma família, o Tingui foi povoado primeiro pelo avó de Antônio Coelho, Arnaldo, e posteriormente Alto dos Coelhos, por isso Tingui é considerada comunidade mãe de Alto dos Coelhos.

---

<sup>1</sup> Joaquim Antônio de Siqueira Torres foi o primeiro barão de Água Branca, nasceu em 8 de setembro de 1808 e morreu em 29 de janeiro de 1888, foi um nobre proprietário rural brasileiro.

Portanto, Antônio Coelho de Araújo instalou-se em Alto dos Pereiros, como assim era chamada inicialmente a comunidade por causa da grande quantidade de árvores de Pereiro<sup>2</sup>, lá ele construiu a primeira casa para morar com sua família, que ainda hoje existe (Figura 02). Posteriormente a comunidade passou a ser chamada de Alto dos Coelhos, fazendo referência ao sobrenome da família de Antônio Coelho. Essa ocupação, segundo documento feito pelo morador José Gomes Lima, “Alto dos Coelhos surgiu após, pelo neto de Arnaldo, Antônio Coelho, filho de Braga/Maria, nos idos de 1835 em diante” (LIMA, 2005, p. 16).

Figura 02 – Primeira casa da comunidade Alto dos Coelhos



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Fevereiro de 2015.

Maria Clara, moradora da comunidade, esclarece como aconteceu essa mudança na nomenclatura da comunidade,

*Por que antes aqui se chamava Alto dos Pereiros isso aqui era só Pereiro, um pau, ai como ele era Antoninho Coelho ai ficou Alto dos Coelhos porque era os Coelhos, a família Coelho que morava aqui aí ninguém chamava mais de Alto dos Pereiros era Alto dos Coelhos.*<sup>3</sup>

Assim, compreendemos o nível de influência que Antônio Coelho exerceu sobre a localidade, sendo ele a referência maior da comunidade.

Segundo dona Maria José, bisneta do fundador, à medida que os filhos de Antônio Coelho cresciam e atingiam idade suficiente para começar a constituir suas famílias ele definia o lugar onde seria a casa de cada um. Sobre a ocupação da comunidade o morador

<sup>2</sup> O Pereiro, cientificamente denominado de *Aspidosperma pyrifolium*, é uma árvore de porte médio e nativa da caatinga.

<sup>3</sup> Todas as falas dos moradores estão no texto em itálico como forma de diferenciá-las.

Aldiro relata que, “*A primeira casa é aquela casa grande que tem ali e aqui tudinho era caatinga e ele quando casou ele mesmo marcou a casa dos filhos.*” Assim, Alto dos Coelhos foi construído e povoado à medida que a família colonizadora crescia. De acordo com os relatos, para casar os homens tomavam como esposa mulheres da sua própria família, suas primas fossem elas de grau de parentesco próximo ou não, do povoado ou mesmo da comunidade de Tingui, isso porque nessas localidades todos eram parentes.

Essa forma de compor as famílias permanece até os dias atuais, porém com intensidade menor, pois os jovens esporadicamente casam com pessoas de outros lugares, entretanto ainda é comum pessoas da mesma família se casarem, prova disso é que atualmente na comunidade todos os moradores são parentes, como bem afirma Darci “*Os mais velhos que fundaram aqui que é a família dos Coelhos, aí ficou, aí nós somos tudo dessa mesma família, Jenuário que era dos Coelhos é meu avô aí a gente não pegou o nome dos Coelhos, mas é tudo da família.*” Esse fator fortalece a característica de uma comunidade com a mesma descendência familiar onde o respeito pelo próximo e a consideração pelo outro transparece nas relações sociais.

Segundo Diegues (2001, p. 66), uma comunidade pode ser povoada através da utilização comunal, ou seja, feita em conjunto e, portanto, em comunidade e por isso em Alto dos Coelhos “esses arranjos são permeados por uma extensa teia de parentesco, de compadrio, de ajuda mútua, de normas e valores sociais que privilegiam a solidariedade intragrupal.”

Tal comunidade construiu suas bases nas relações familiares, sendo elas em relação ao trabalho, a forma como as pessoas constituíram suas famílias, as suas crenças e religiões e também na forma como esses indivíduos aprenderam a se comportar em sociedade e a perceber o mundo para além da comunidade e por isso a ocupação na comunidade se confunde com a própria história de vida de muitos de seus moradores, pois foram processos simultâneos. Em Alto dos Coelhos a construção da comunidade feita por seu patriarca e, posteriormente, por seus descendentes é intrínseca a vida das famílias e, portanto, a história do povoado.

Sobre a comunidade tradicional Brandão (2012) esclarece que ela tem como principal característica a presença do outro na vida de todos, apesar de suas individualidades os sujeitos tem suas vidas atreladas as dos seus vizinhos e dessa forma a comunidade só existe por que a vida é construída por meio das vivências de seus moradores ao longo do tempo. Posteriormente, aponta mais duas características que configuram uma comunidade como sendo tradicional. Primeiramente “[...] pela moradia e ocupação do território por várias gerações, ainda que alguns membros possam ter-se deslocado para os centros urbanos e

voltado para a terra de seus antepassados.” (BRANDÃO, 2012, p. 375). Este autor destaca ainda a importância da permanência no lugar e também o seu regresso quando estes são movidos pelo sentimento de pertencimento ao mesmo e a valorização da comunidade.

E, em segundo lugar, “[...] pela importância dada à família, doméstica ou comunal e as relações de parentesco e compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais.” (BRANDÃO, 2012, p. 375). Na comunidade todos se conhecem e respeitam a relação de parentesco e a valoriza, a família é a base da vida social e também econômica já que é no âmbito familiar que o indivíduo aprende sua profissão. No caso da comunidade, a atividade agrícola é passada de geração em geração. A criança desde cedo acompanha seus pais diariamente na roça para aprenderem a trabalhar com a terra limpando, arando a terra, fazendo cerca, pastorando os animais, plantando as sementes e posteriormente colhendo-as. São essas ações feitas em coletividade pelos moradores que a torna legítima, ou seja, é a produção do espaço através de uma ação conjunta que caracteriza a comunidade tradicional, é o esforço, o trabalho da comunidade que a define, pois é algo hereditário, transmitido ao longo das gerações.

Por meio desse trabalho em conjunto surge uma outra característica da comunidade: a transformação da natureza, pois “[...] mais do que o existir em um território achado, doado, conquistado, apropriado ou tido como um lugar natural e social legítimo de existência de uma *comunidade de ocupação*, o que qualifica uma *comunidade tradicional* é o fato que ela se tornou legítima através de um trabalho coletivo de socialização da natureza” (BRANDÃO, 2012, p. 377). A ocupação de um lugar antes não habitado ou pouco habitado acontece mediante a transformação do meio natural por meio do trabalho manual que geralmente é marcado por uma técnica primitiva.

O auto reconhecimento como sendo “daquele povo” traça o perfil de uma comunidade tradicional, a identificação dos moradores com a localidade revela sua tradicionalidade. Na comunidade Alto dos Coelhos essa característica é muito forte, pois a comunidade teve um fundador do qual gerou as posteriores gerações dos moradores. Eles afirmam que na comunidade “todos são uma família”.

### 1.3 A COMUNIDADE HOJE

Alto dos Coelhos é uma comunidade que se destaca na região do Sertão Alagoano por ser numerosa em habitantes e ter uma boa infraestrutura como: ruas principais pavimentadas e



Figura 04 – Rua principal da comunidade.



Autor: Patrícia Rocha.  
Fonte: Pesquisa de campo, Julho de 2016.

Figura 05 – Escola Municipal da Comunidade.



Autor: Patrícia Rocha.  
Fonte: Pesquisa de campo, Fevereiro de 2016.

A comunidade está localizada na região com clima semiárido, seu relevo predominante é a depressão sertaneja (Figura 06), possui vegetação xerófila, a caatinga e solo raso em profundidade, mas ricos em nutrientes, o neossolos litólicos eutróficos, segundo a EMPRAPA (2006).

Figura 06 – Relevo de Alto dos Coelhos: depressão sertaneja.



Autor: Patrícia Rocha.  
Fonte: Pesquisa de campo, Julho de 2016.

A principal renda da comunidade vem da agricultura e da comercialização de verduras, frutas e hortaliças na feira da cidade de Delmiro Gouveia e de Água Branca. Os homens mais jovens quando atingem a maior idade geralmente vão trabalhar nas capitais na área da construção civil. Segundo o censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), em 2010 a população da comunidade era de 461 pessoas, sendo 240 homens e 221 mulheres, ou seja, 47,9% eram mulheres e 52,1% eram homens.

A fim de melhor ilustrar a dinâmica espacial da comunidade observemos a imagem de Satélite (Figura 07).

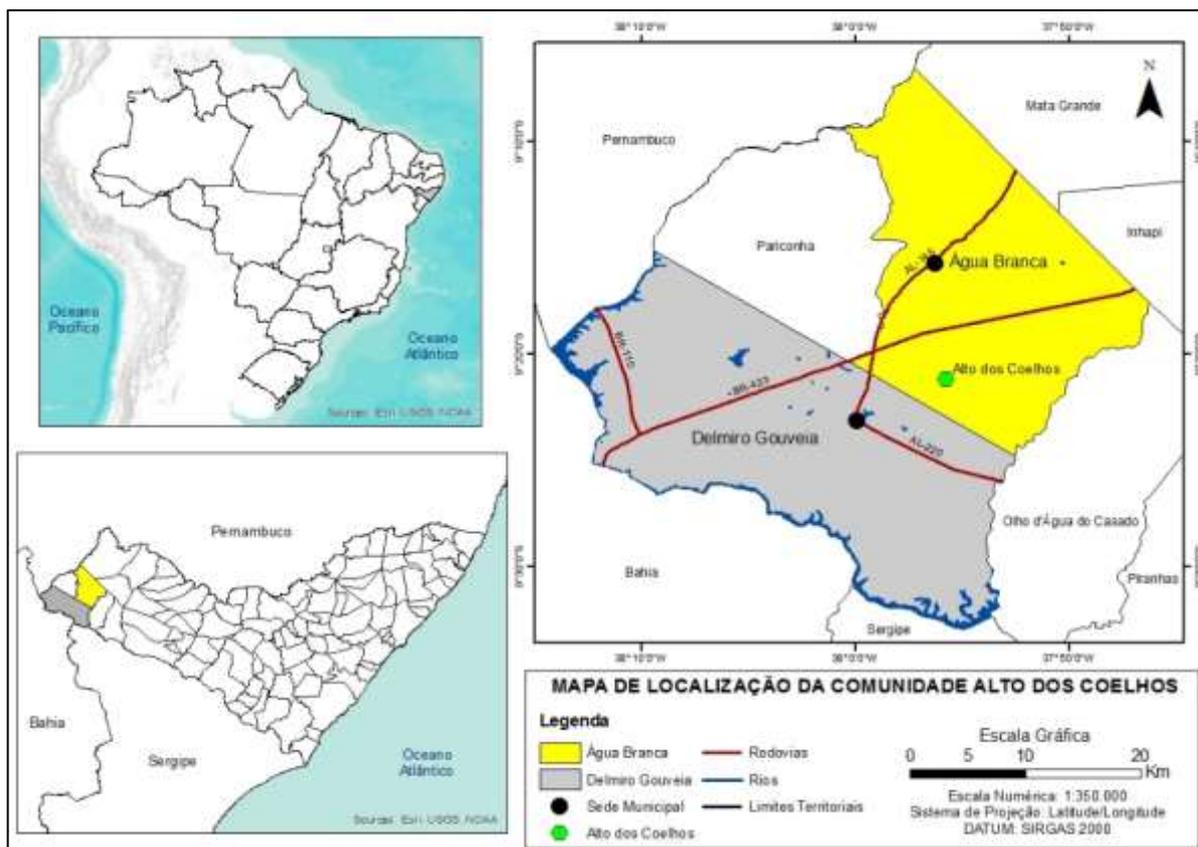
Figura 07 – Imagem de satélite do Alto dos Coelhos.



Fonte: Google Earth, 2016.

A comunidade de Alto dos Coelhos pertence ao município de Água Branca – AL, porém sua localização está mais próxima da cidade de Delmiro Gouveia – AL, conforme a Figura 08. A distância em quilômetros da comunidade a cidade de Delmiro Gouveia por uma estrada de terra é de 13 km, enquanto que para Água Branca é 20 km.

Figura 08: Mapa de localização da comunidade Alto dos Coelhos.



Autor: Flávio Santos, 2017.<sup>4</sup>

Devido à proximidade e pela cidade de Delmiro Gouveia possuir um comércio mais ativo e diversificado em mercadorias, a população da comunidade desenvolve suas atividades econômicas e de lazer nela. Com a cidade de Água Branca, os moradores da comunidade possuem uma dependência mais jurídica e administrativa, pois é lá que eles resolvem questões ligadas a documentação pessoal, cobram serviços públicos e resolvem pendências bancárias, ocasionando uma situação econômica, territorial e cultural peculiar.

Após entendermos o processo histórico de formação da comunidade de Alto dos Coelhos e a sua atual constituição, passamos agora as relações cotidianas vividas pelos seus moradores, conforme descrevemos no tópico seguinte.

#### 1.4 AS TRADIÇÕES RELIGIOSAS EM ALTO DOS COELHOS

A comunidade é repleta de tradições que nutre o sentimento de pertencimento dos moradores, este sentimento está intimamente ligado com a formação da comunidade, pois

<sup>4</sup> Elaborado a partir da Base Cartográfica do Zoneamento Agroecológico de Alagoas: ZAAL, 2014 e da Base Cartográfica do Núcleo de Economia Regional e Urbana da Universidade de São Paulo: NEREUS, 2017.

muitas dessas tradições foram iniciadas com seu fundador e cultivada religiosamente por seus familiares que respeitavam a pessoa de Antônio Coelho e seus ensinamentos. Sobre as relações de tradicionalidade como mecanismo de autoafirmação da identidade Souza (2012, p. 117) escreve que,

Apesar dos diferentes modos de comportamento, todas as relações vividas em comunidade, baseadas na tradicionalidade, carregam o sentimento de ‘ser’, ‘estar’ e ‘permanecer’ no lugar. O sentimento do ‘nós’ resultados no ‘caldeamento’ de interações, saberes e fazeres diferenciados presente nas comunidades tradicionais.

Fazer parte das tradições, entender a importância de suas práticas e ensinamentos, sentir-se parte da comunidade, participar da totalidade e se perceber enquanto um membro é o que caracteriza a tradicionalidade em Alto dos Coelhos.

O catolicismo na comunidade está presente desde a fundação da mesma, pois segundo relatos, Antônio Coelho era uma pessoa de muita fé, devoto do Padre Cícero de Juazeiro e de Nossa Senhora da Conceição. Por ser uma pessoa religiosa ele ensinava desde cedo a seus filhos as práticas cristãs da igreja católica e, antes de morrer, construiu uma igreja em frente à sua casa (Figura 09), que ainda hoje é o lugar de realização das missas e rituais católicos.

Figura 09 – Igreja Católica do Alto dos Coelhos.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Fevereiro de 2015.

Quando o fundador morreu ficaram cinco senhoras já de idade, chamadas pelos moradores de “moça velha<sup>5</sup>”, ensinando a fé católica para os mais novos através do catecismo. Elas se reuniam na igreja juntamente com os jovens que recebiam ensinamentos

<sup>5</sup> Expressão usada para se referir a mulheres que nunca se casaram.

sobre a bíblia e as doutrinas da igreja católica. Por ter um grande conhecimento religioso essas senhoras eram respeitadas e seus ensinamentos eram de grande valor para os moradores.

Um legado que essas senhoras, orientadas pelo fundador, deixaram na comunidade foi o costume de depois do jantar se reunirem. Na comunidade é tradição, às sete horas da noite os fiéis se reunirem para rezar o terço e logo em seguida a celebração da palavra, pois geralmente o padre não está presente para celebrar a missa.

Quando ocorre a missa começa-se com a entoação de louvores e depois com a leitura da bíblia, os devotos acompanhavam através do folheto que recebem na entrada da igreja e demonstram familiaridade com os rituais religiosos, sempre expressando respeito e devoção por seus santos e entidades divinas.

A comunidade ainda hoje tem uma influência muito forte do catolicismo, inclusive a maioria das suas festas, exceto a de ano novo, são festas religiosas. A principal festa promovida pela comunidade é a festa do Padroeiro São José que é celebrada no mês de março com missas, procissão, nove noites de novena e show musical, conforme descreveremos no próximo capítulo.

Há ainda uma novena do mês de maio em homenagem a Nossa Senhora, virgem Maria a mãe de Jesus. Em junho ocorre a festa de Santo Antônio e, a do Coração de Jesus que tem três noites de novena, missas e uma procissão em volta do povoado. Na sequência a festa de São João uma festa grande que acontece no povoado, com bandas de música, comidas típicas, arraial junino, fogueiras e quadrilha junina e, encerrando os festejos juninos a festa de São Pedro. Em dezembro ocorre a festa de Natal onde as famílias da comunidade recebem seus parentes da comunidade do Tingui e adjacências para celebrar os festejos natalinos. Também há em Alto dos Coelhos com menos frequência a festa do vaqueiro<sup>6</sup> (Figura 10), que reúne vaqueiros da comunidade e região para celebrar a profissão.

Figura 10 – Festa dos vaqueiros.

---

<sup>6</sup> Pessoa responsável por cuidar do rebanho bovino.



Autor: Patrícia Rocha.  
Fonte: Pesquisa de campo, Julho de 2016.

Todas essas festas são comemoradas com missa dentro da igreja, novenas e bandas de música na própria comunidade. Os moradores participam de toda a organização das festas através das divisões de tarefas: ornamentação e limpeza do espaço sagrado: a igreja, acolhimento dos familiares que vem do Tingui para participar, preparação de bingo (geralmente todas essas festas tem o sorteio de algum brinde), arrecadando doações e, dessa, forma toda a comunidade interage.

Todas são festas em que a população participa, tendo como:

Um dos significados da festa está no seu poder de mobilizar ou forçar as identidades a nível socio-geográfico, já que seu significado profundo, suas manifestações, a liturgia de seu desenvolvimento, os discursos e os mitos a mantêm trabalhando de perto ou de longe a unidade e a identidade social. (ARAÚJO; HAESBEART, 2007. p.72).

Ou seja, o significado da festa está para além do momento da celebração, está em todo o processo de realização e motivação que estimula a comunidade a trabalhar com uma mesma finalidade. As festas citadas acima foram mencionadas pelos moradores como um dos principais momentos do ano em que a comunidade se reúne. Algo interessante dessas confraternizações é que apesar das festas terem seu objetivo principal, celebrar os santos, os moradores não participam da festa com a mesma intenção, pois uns preferem as novenas, outros as bandas de música, outros os jogos de sorte. Mesmo a participação acontecendo de maneira diferente eles consideram esse momento de fundamental importância enquanto integrantes da comunidade.

Um fato que merece nossa atenção é que a realização das principais festas do povoado está intimamente atrelada à religiosidade e a fé, pois os moradores são muito ligados à igreja católica sendo, portanto, um elo de fortalecimento tanto da fé como da sua própria história e, ainda, da sua identidade, pois “a festa é, num sentido bem amplo, a produção de memória e, portanto, de identidade no tempo e no espaço social.” (GUARINELLO, 2001 apud ARAÚJO; HAESBEART, 2007, p. 73). A festa é uma produção social construída pela e para a comunidade que fortalece a identidade territorial desses sujeitos.

Essa relação da religião com a construção da comunidade e também da identidade de seus moradores aparece de forma clara na fala do senhor José Aldiro quando ele afirma que,

*O fundador desse lugar aqui ele sempre foi uma pessoa de muita fé, ele era muito devoto e nunca deixou os filhos sair e ir procurar essas religiões do lado errado, sempre foi o pessoal da fé e realmente era um pessoal que acreditava muito no Padre Cícero de Juazeiro, Nossa Senhora da Conceição. E o que aconteceu foi isso, o pessoal teve uma influência muito forte do catolicismo.*

Os jovens da comunidade também são muito envolvidos com a igreja, a maioria deles estão presentes nas missas aos domingos. Priscila, jovem do povoado, ressalta em sua fala a importância de frequentar a igreja e seguir sua crença,

*A importância é maior por causa que vem de família em família, em geração que foi o catolicismo aí todo mundo vai para a igreja, a grande maioria, são poucos que são evangélicos. A importância é que todo mundo vai, todo mundo tem mais crença em Deus.*

Além de participarem como ouvintes, os jovens ajudam no momento do louvor e também com a leitura da palavra de Deus durante a missa. As crianças também se fazem presentes nesse momento, sentadas ao lado de seus pais aprendendo desde cedo a importância dos ensinamentos religiosos e da assiduidade aos cultos.

Os moradores da comunidade foram criados com rigor e disciplina, onde era dado graças pelo alimento em todas as refeições, o terço era rezado todos os dias no mesmo horário e as pessoas atribuíam a Deus as bênçãos que recebiam e as que não recebiam. Inclusive, a escolha de São José como santo padroeiro justifica-se pela creança nele por ser o responsável por mandar as chuvas para os agricultores plantarem suas roças. No que se refere a criação dos filhos, esses moradores mais velhos ensinaram as tradições religiosas e sua importância. Sobre a prática de ir à igreja a moradora Priscila expressou que,

*A maioria por causa dos pais que chama para ir pra igreja e outros não, que vivem mais pelas ruas se divertindo e outros que são mais caseiros*

*vivem dentro de casa. Eu quero e eu vou pra igreja, se eu não quiser eu não vou, mas como eu vou desde pequenininha não tinha como eu não me acostumar aí se fosse pra eu largar eu não largaria não.*

Portanto, através desses diálogos constatamos que a fé alimentada por meio dos ensinamentos que se perpassam de geração em geração tornou-se algo cultural, da rotina da comunidade e por isso parte da vida dos moradores. As pessoas se orgulham de ter sua fé cristã católica e ir às missas, nesse sentido, as festas religiosas são a sua maior expressão de agradecimento e satisfação a Deus e aos santos. Na fala de Zé Padre, assim chamado por ser a pessoa que cuida do templo e celebra as missas na ausência do padre, ele expressa o que a religião e os ensinamentos que aprendeu com a sua família significa para ele.

*Quem vive sem religião é uma vida assim sem sentido, a igreja pra mim é tudo. Até digamos assim, uma vida de valor só tem valor se viver na igreja. A minha religião é a que meus pais me ensinaram e que me criei nela que é a religião católica apostólica romana, pra mim a verdadeira igreja é essa.*

Essa forte influência do catolicismo que se perpassa de geração em geração teve início com Antônio Coelho e foi sendo passado aos filhos, netos, bisnetos e assim por diante, claramente é uma identidade cultural mantida viva até hoje na comunidade, os moradores se orgulham de terem sido criados no catolicismo e por nunca terem deixado sua fé.

Há também na comunidade a presença da igreja evangélica há mais ou menos 12 anos, porém ela possui um número menor de seguidores contando com aproximadamente vinte pessoas, segundo uma moradora que frequenta a igreja.

É pela devoção aos santos católicos que a maioria dos moradores da comunidade expressa sua fé e mantém suas tradições, porém, existem ainda outros momentos em que a comunidade manifesta sua identidade territorial, conforme descrevemos a seguir.

## 2. A COMUNIDADE ALTO DOS COELHOS E SEUS MODOS DE VIDA

Nesse segundo capítulo vamos trazer para a pesquisa os materiais coletados em campo em Alto dos Coelhos, na intenção de fazer uma discursão teórica sobre o território e as territorialidades, pois entendemos que para estudar a comunidade tradicional é imprescindível compreender suas territorialidades e ainda, entender de quais formas elas se apresentam no território.

Nesse sentido, analisaremos as territorialidades através da festa do padroeiro São José, a principal festa promovida pela comunidade, sendo o momento onde os seus moradores unem-se para manifestar o pertencimento e a identidade, posteriormente vamos descrever o trabalho das mulheres da comunidade como agricultoras e feirantes, por considerarmos um marco importante de manifestação das territorialidades na comunidade.

### 2.1 O COTIDIANO DA COMUNIDADE

A divisão das atividades entre homens e mulheres sempre foi uma característica muito forte da comunidade, conforme o morador Aldiro conta que:

*O fundador aqui do lugar era interessante, ele tinha a auto determinação. Era costume da família, então o que é que ele fazia, os homens tinham a função: olhar o gado, cabra. Aqui era aberto a roça o cercado era muito pequeno, mas era tudo criado aqui no aberto, agora tinha de tudo. Era cavalo, égua, jumento era, olha, cabra, ovelha a fartura era isso. Caça? Quem quisesse comer caça a caça vinha morrer no terreiro da casa, hoje acabou-se tudo. Então os homens tinham essa missão. Agora as mulheres não, era cozinhar, lavar roupa, passar ferro daqueles que botavam brasa e então as mocinhas já tinha treinamento para aprender a fiar e a catar algodão nas roça e quando vinha recebia um tratamento para descarçar numas máquinas feitas pelo avô de minha mãe, Januário, filho do fundador desse lugar.*

Outra característica do trabalho feminino na comunidade era que elas aprendiam desde cedo a bordar, costurar, tecer e a tricotar, mas a especialidade delas era rendar, inclusive produziam peças para a família do barão de Água Branca – AL, Dona Mazé, bisneta do fundador, nos contou que:

*Antigamente as mulheres era todas rendeiras no Alto, pois as filhas de Antoninho Coelho, as moça velha, rendavam muito e iam ensinando para as mais novas. Elas faziam rendas para a família do barão. As filhas dele era tudo inteligente, os filhos vaqueiro trabalhador e as moças era pra fiar e tecer roupa. Roupa pros homens e fazer rede. Bordavam, faziam renda, fazia crochê e costurava, tudo inteligente, tinha as filhas dele e as netas também*

Contudo, essas práticas foram se perdendo ao longo do tempo, pois os invernos, segundo os moradores, estão cada vez menores e por isso o cultivo da terra está sendo deixado de lado como meio de renda principal e a agricultura familiar vem sendo substituída pelos estudos na escola que é uma grande riqueza, segundo a moradora dona Mazé. Por isso os jovens do povoado cada vez viajam mais em busca de emprego nas grandes capitais “*Pra poder ter um trabalho melhor, por que aqui não oferece muito*”, explica Priscila, jovem do povoado. As habilidades com a costura, com a renda, com o tricô e os bordados foram deixadas no passado da comunidade como meio de renda principal, hoje apenas algumas senhoras fazem crochê ou tricotam (Figura 11) como forma de distração e complementação da renda mensal.

Figura 11 – Moradora da comunidade fazendo crochê.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Fevereiro de 2016.

Uma senhora da comunidade chamada Darci (Figura 12) que terce cestos de palha de coqueiro conta que já tentou ensinar a técnica para suas filhas, mas segundo ela as meninas não se esforçam para aprender.

Figura 12 – Darci terciendo cesto com palha de coqueiro.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Fevereiro de 2015.

Algumas mulheres de Alto dos Coelhos desenvolvem suas atividades econômicas na feira livre da cidade de Delmiro Gouveia – AL, vendendo hortaliças plantadas por elas na comunidade (Figura 13) as margens do canal do sertão, obra do governo Federal que tem como finalidade atenuar os efeitos da seca no sertão levando água do Rio São Francisco. Elas desenvolvem essa atividade juntamente com sua família, levando seus filhos aos sábados para ajudarem na comercialização na feira, essa prática existe há mais de 50 anos na comunidade, juntamente com a agricultura, pois como afirmou José Aldiro, “*A agricultura também porque a gente não pode deixar de faltar porque é o sustento e a base da família*”.

Figura 13 – Área de plantação das hortaliças e bananeiras.



Autor: Patrícia Rocha.  
Fonte: Pesquisa de campo, Fevereiro de 2016.

Percebemos que essa atividade econômica acontece no âmbito familiar e contribui para a conservação dos valores familiares que nortearam o cotidiano e a vida desses sujeitos que buscam através de suas práticas renovar e reafirmar esses valores juntos aos seus parentes. Veremos com mais detalhes no tópico 2.3 sobre a prática de plantar e comercializar na feira livre.

Souza (2012, p. 113) nos seus estudos aponta que “o ato de plantar e cultivar a terra de forma singular traduz um modo de vida característico de povos que priorizam o trabalho familiar, a troca de dias e os mutirões como forma de reprodução.” Portanto, o manejo com a terra também caracteriza Alto dos Coelhos como uma comunidade tradicional, pois os moradores além de usarem o cultivo da terra para produzirem alimentos e para comercialização usam a agricultura como símbolo de resistência as suas culturas e suas heranças tradicionais.

Porém é marcante a saída de pessoas da comunidade em busca por melhores condições de vida. Este é um dos momentos da vida do sertanejo marcado por um misto de sentimentos: alegria, esperança, tristeza e saudades. Esses sujeitos migram porque desejam oferecer as suas famílias melhores condições de vida, diferentes das que outrora viveram, no entanto, quando estão nesse novo ambiente cultivam o desejo de voltar para o lugar de sua origem, pois muitas vezes não conseguem se sentir pertencente a ele, ou seja, convivem em conflito com as novas e as antigas identidades.

O sertão é lembrado também pelo sertanejo em tempos difíceis vivenciados durante as secas, contudo, ele nunca deixa de ser o lugar onde revigoram as forças, onde as raízes estão

plantadas. Esses sujeitos cultivam lembranças positivas e negativas do período que viveram no sertão e ambas contribuem para a formação de sua identidade, pois até mesmo as lembranças negativas o faz lembrar da sua luta diária de outrora e isso de forma alguma é motivo de vergonha para esses sujeitos. Nesse sentido, voltar para a comunidade é também a reafirmação da sua identidade territorial.

## 2.2 FESTA DO PADROEIRO SÃO JOSÉ EM ALTO DOS COELHOS

No primeiro capítulo, mencionamos a festa do padroeiro São José (Figura 14) como a principal festa promovida pelo povoado e o momento em que os moradores se reúnem contribuindo com diferentes participações para a construção da festa. A festa do padroeiro São José é considerada a principal celebração da comunidade por que é o momento que os moradores relataram como sendo o mais esperado por eles. É o período em que eles recebem seus familiares em suas casas e se unem para realizar a festa dividindo atribuições, onde cada um fica responsável por uma tarefa, tais como arrecadar dinheiro, brindes para o bingo, participar da organização das novenas, etc.

Dada estas particularidades buscamos compreendermos a festa, sua importância para os moradores da comunidade e as territorialidades que ela produz a partir das observações e dados coletados em campo no dia 12 de março de 2016, período de realização da festa.

Figura 14 – Andor com a imagem de São José.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, março de 2016.

O dia de São José é comemorado em 19 de março pela igreja católica, mas na comunidade os festejos acontecem durante toda semana que antecede esse dia. O calendário das comemorações é planejado baseado na data de celebração do santo, mas pode variar de acordo com a disponibilidade do padre ir celebrar a missa e também de acordo com a data, pois prefere-se fazer a missa no final de semana, pois é quando os moradores tem mais disponibilidade de tempo para participar da festa.

As comemorações começam com nove noites com novena<sup>7</sup> e na noite seguinte ao encerramento das novenas acontece a festa com bandas, que é considerada pela maioria dos moradores como o principal momento da celebração. Nesse dia acontece uma grande movimentação de pessoas logo no início da tarde, o fluxo de carros e motos fica maior do que o normal, segundo os próprios moradores. As pessoas ficam nas praças conversando, brincando, ingerindo bebidas alcoólicas e lanchando no quiosque do centro da comunidade, a expectativa pela chegada da noite é explícita em todos esses momentos.

Esses momentos de confraternização contribui para o fortalecimento dos relacionamentos na comunidade, o que é de suma importância para a convivência em sociedade, principalmente quando se vive em uma comunidade pequena na qual todas as pessoas se conhecem e possuem relações de parentescos. Os relacionamentos também são formas de territorialidade, pois são ações feitas sobre o território. As territorialidades podem nascer de relações de cumplicidade e amizade e também de relações conflituosas ou desiguais, como afirma Saquet (2008, p. 79) “a territorialidade, dessa forma, significa as relações sociais simétricas ou dessimétricas que produzem historicamente cada território.”

Andando pela comunidade encontramos ao lado da igreja uma banda de pífano<sup>8</sup> (Figura 15) composta por quatro músicos entre eles Cícero, líder da banda, professor de música e tocador de pífano há mais de dez anos. Cícero comentou que sempre toca em festas da região e eventualmente em festas fora do estado, tendo a finalidade de não deixar a tradição da banda de pífano acabar, além de ensinar os garotos que o procuram oriundos das comunidades Tingui e Alto dos Coelhos, que são as comunidades que ele tem mais contato. A banda de pífano abre as comemorações dos festejos do padroeiro anunciando a festa através das melodias e das letras que falam sobre a cultura, as tradições e as crenças do sertanejo, ou seja, do meio onde ele nasceu e vive.

---

<sup>7</sup> São missas onde os fiéis se reúnem para rezar e entoar hinos ao santo homenageado.

<sup>8</sup> Banda musical tipicamente nordestina que utiliza zabumba, caixa, prato e o pífano, instrumento semelhante a flauta.

Figura 15 – Banda de pífano tocando na festa de São José.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Março de 2016.

O meio onde o homem está inserido influencia diretamente na sua forma de se relacionar com a natureza e com a sociedade da qual faz parte, nesse sentido Cunha (2012, p. 132) pontua que,

Todas essas áreas forjaram identidades diversas que vinculam a população ao meio, uma territorialidade que une cultura e ambiente, são as identidades territoriais reflexo da interiorização pelas populações da natureza e dos espaços de vida.

Dessa forma, as canções cantadas e tocadas por esses músicos são a expressão de suas identidades culturais e territoriais, pois falam de suas vivências no território, suas tradições e culturas. Assim, essas identidades contribuem para o fortalecimento dos vínculos territoriais e afetivos entre os moradores e sua comunidade. A identidade territorial é uma construção a partir da própria experiência no território, portanto, temos uma relação dialética entre o território, a cultura e as ações que são feitas nesse território.

Na noite da festa com banda, muitas pessoas das comunidades vizinhas e também das cidades mais próximas, Delmiro Gouveia e Água Branca, vão para a comunidade participar da festa, isso porque a comunidade abre-se para recebê-las, como menciona Priscila “*Acho a festa do padroeiro importante porque todo ano tem e todo mundo segue, vem gente de longe pra participar da padroeira daqui.*” Os moradores compreendem que os visitantes contribuem de forma positiva com a sua presença, essa abertura a pessoas de outras localidades é citada por Silva (2012, p. 2) como algo gradual, ao apontar que,

Sua restrição apenas aos grupos que praticam os ritos e rituais durante as manifestações religiosas modifica-se paulatinamente, vista pela inserção de outras influências e a visitação crescente de pessoas nas localidades durante as festas.

Os moradores recebem em suas casas amigos e parentes de outras localidades, para isso preparam as refeições do dia com capricho, é o momento de acolher em seus lares pessoas importantes nas suas vidas que estão ali para prestigiar a festa. Portanto, entendemos que,

A festa é uma produção do cotidiano, uma ação coletiva, que se dá num tempo e lugar definido e especial, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes da esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes (HAESBEART; ARAÚJO, 2007, p. 72).

Dessa forma, juntamente com sua família e amigos o período da festa do padroeiro também é momento de lazer e diversão como relata o morador Aldiro,

*Todos nós achamos as festas importantes, pois faz parte da mentalidade da própria comunidade. Porque você já pesou assim, tire por isso, a pessoa só trabalhar, trabalhar, trabalhar?! Se um dia o stress pegar, o cabra não tá ferrado?! E a festinha é pra isso mesmo pra aliviar o stress.*

Diversas são as relações estabelecidas no período da festa e, portanto, múltiplas são as territorialidades produzidas pela festa, pois ela proporciona encontros, conversas, sorrisos, abraços e afetividades na comunidade Alto dos Coelhos.

À noite a comunidade fica repleta de luzes formando um tipo de varal com lâmpadas incandescentes para iluminar à noite do sertão alagoano, formando uma estética diferente das demais noites, pois segundo Marques; Brandão (2015, p. 14), “toda festa é permeada por esta característica que também proporciona singularidades e espontaneidade. O esbanjamento também é fator indispensável, pois está ligado aos excessos”.

A paisagem produzida a partir da festa é espetacular, se faz a partir de um misto de cores, de sabores, de sons e cheiros, que formam uma atmosfera de vida e alegria. Além da estética Marques; Brandão (2015) pontua a memória como um elemento característico da festa, pois as lembranças contribuem para manter a festa viva, é através dos relatos dos seus participantes que o sentimento de festejar permanece ativo na comunidade e, mais que isso, a memória está registrando a tradição.

Na rua principal da comunidade monta-se um pequeno parque de diversões, onde a maioria dos moradores da comunidade e os visitantes festejam e nutre seus laços identitários com o território. Os jovens sentam-se na praça para conversar, dar risadas, paquerar e esperar pelas bandas de música da noite. Antes de a banda começar há bingos (Figura 16) em frente à igreja católica que conta com a participação de pessoas de diferentes faixas etárias.

Figura 16 – Moradores participando do bingo em frente à igreja.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Março de 2016.

No momento da realização do bingo os jogadores trazem de suas casas bancos e cadeiras para melhor se acomodarem durante o jogo e isso configura uma paisagem diferenciada, pois são os próprios moradores que constroem o lugar do jogo. Sobre o bingo Priscila expressa que *“gosto além do ligado com a religião é quando tem bingo, que vai sortear os carneiros e todo mundo se organiza, pega canetinha pra jogar em frente à igreja.”* Esses brindes sorteados são geralmente criações de animais: carneiros, bode e bezerros, doados pelos próprios moradores da comunidade.

Os moradores da comunidade montam barracas de bebidas e comidas para o momento da festa, elas são de variados tipos de alimentos: cachorro quentes, sanduíches, batatas frita, hambúrgueres, pasteis e coxinhas e as barracas de bebidas alcoólicas, as famosas “barraca do

capeta<sup>9</sup>”. Além das barracas também há os vendedores ambulantes que ficam comercializando copos de plástico para bebidas.

A noite da festa com banda (Figura 17) é o grande momento dos festejos, pois é quando a comunidade recebe visitantes das comunidades e cidades vizinhas para prestigiar a celebração. Uma moradora conta que *“a festa que é de banda que a prefeitura da pra aqui é o que não pode faltar, não é que não vai ter graça é que além da festa da padroeira também tem essa festa”*. O entusiasmo por essa noite se evidencia inclusive nas vestimentas dos moradores que fazem questão de comprarem roupas e calçados novos para se arrumarem da melhor maneira possível.

Figura 17 – Noite da festa do Padroeiro São José.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Março de 2016.

A festa também se configura como uma expressão cultural e, portanto, de identificação com o território o que, por sua vez, produz as territorialidades. Isso acontece porque, segundo Saquet (2009, p.8),

A identidade é construída pelas múltiplas relações-territorialidades que estabelecemos todos os dias e isso envolve, necessariamente, as obras materiais e imateriais que produzimos, como os templos, as canções, as crenças, os rituais, os valores, as casas, as ruas etc.

No dia posterior a festa com banda acontece a tradicional missa em homenagem a São José celebrada pelo padre do município, . A quantidade de moradores que assistem a missa é

---

<sup>9</sup> Recebe esse nome por causa de uma bebida alcoólica chamada capeta, famosa por seu alto teor alcoólico.

bastante numerosa e por isso a celebração acontece fora da igreja (Figura 18), pois ela não comporta a todos.

Figura 18 – Celebração da missa em homenagem a São José.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Março de 2016.

Assim, os festejos do padroeiro são encerrados com procissão pela rua principal da comunidade, devoção ao santo e muita fé que ele continuará abençoando a comunidade. Dessa forma, a festa “apresenta características tanto materiais quanto simbólicas, representando, desse modo, umas das formas de produção de identidade.” (HAESBEART; ARAÚJO, 2007, p. 69).

A festa em si é uma manifestação material, palpável e visível cujos significados são simbólicos, representando o esforço coletivo empregado para a realização da festa, ela é, uma forte expressão das tradições e identidade da comunidade. Portanto, a festa possui esse caráter de unir os moradores com a finalidade de celebrar o padroeiro, sendo uma forma de reafirmação da identidade com o seu território e com a sua comunidade.

A legitimidade desses festejos está na sua simplicidade, é a celebração do próprio povo. No momento da festa importa apenas o que as pessoas são e representam, suas identidades e culturas, pois a festa tem suas raízes atreladas a cultura do povo e conseqüentemente a sua identidade e ao seu território, pois ela precisa de um lugar físico para acontecer e, mais que isso, ela mesma é um meio de territorialização.

Outra forma de territorializar o território são as práticas cotidianas realizadas pelos moradores da comunidade, portanto, iremos analisar no próximo tópico o trabalho das

feirantes e agricultoras de Alto dos Coelhos, buscando compreender as suas identidades territoriais.

### 2.3 O TRABALHO DAS MULHERES DA COMUNIDADE

Anteriormente mencionamos o trabalho das mulheres da comunidade como feirante. Agora iremos detalhar esse trabalho e como ele contribui para a construção da identidade territorial dessas mulheres. Primeiramente, é importante ter ciência que, segundo dados do IBGE de 2010, as mulheres são 52,1 % da população total de Alto dos Coelhos. A faixa etária com maior quantidade de mulheres vai dos 30 a 34 anos, ou seja, fazem parte da população economicamente ativa (PEA).

A quantidade de pessoas que trabalham na feira, segundo Cíntia, feirante há 20 anos, é cerca de 30, contando com os filhos e alguns maridos que também ajudam na comercialização. São as mulheres que colocam as barracas com legumes, verduras, frutas e hortaliças na feira de Delmiro Gouveia – AL (Figura 19) que acontece aos sábados e algumas também participam da feira em Água Branca – AL na segunda-feira.

Figura 19 – Feira livre de Delmiro Gouveia – AL.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Janeiro de 2017.

Segundo Dona Carmelita (Figura 20) de 82 anos, feirante há mais de 50 anos, colocar banca<sup>10</sup> na feira é uma prática antiga. Ela conta que, *“ainda eu frangota, com idade de 10 anos, vendia galinha, vendia ovo e vinha de pé. Saía duas horas da manhã do Alto e vinha bater aqui. Tudo na cabeça, as bolsas na mão cheia, galinha no braço”*. Quando questionamos para essa senhora se eram apenas mulheres que trabalhavam na feira, ela nos informou que não, participa *“homem, mulher, menino, tudo! Quando eu tinha meus meninos frangote aqui na feira velha ainda me ajudavam, aí depois que ficaram rapaz foram pra São Paulo”*. Os homens são minoria nas barracas e as mulheres tem papel de destaque na feira, pois são elas que lideram as atividades.

Figura 20 – Dona Carmelita em sua barraca na feira de Delmiro Gouveia – AL.

---

<sup>10</sup> Expressão usada pelas feirantes que expressa a ida delas a feira levando seus produtos, organizados em cima de banca de madeira ou de ferro para comercialização.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, dezembro de 2016.

O trabalho como feirante começa cedo, desde a infância, pois os pais ensinam os filhos a trabalharem na feira como complemento da mão-de-obra familiar. Da mesma forma eles ajudam no plantio das hortaliças e demais alimentos que são plantados para comercialização. Eliane, feirante há 10 anos conta que “*a minha mãe que já trabalhava e a gente vinha ajudar*”. Assim trabalhar na feira também é uma tradição, pois é passado de pai para filho e, da mesma forma que Eliene aprendeu a trabalhar na feira com a sua mãe, ela leva seus dois filhos para a feira afim de que eles possam também aprender a trabalhar. Outro exemplo dessa tradição é da moradora Cíntia que relatou,

*Eu desde pequenininha que eu vinha mais mãe e oferecia cuento na bacia nas casas ou no meio da rua [...] Mas nós era com mãe, mãe saía oferecendo e nos saía junto aí mãe botou a banca de comida e a gente vendia as verduras pra ela e ela a comida.*

Essa forma de transmissão dos ensinamentos entre a família caracteriza a comunidade tradicional, pois segundo Cunha (2012, p. 133)

São atualmente considerados populações tradicionais que expressam territorialidades específicas, caracterizados pela relação próxima com o ambiente, os vínculos de solidariedade, o trabalho familiar, sendo que a tradição da relação entre sujeito e ambiente gera um ‘know-how’ sustentado nas práticas do fazer, na vivência cotidiana e na transmissão sucessória de saberes.

O conhecimento que essas agricultoras têm é um acúmulo de saberes adquirido a várias gerações, por isso a prática de ensinar os filhos a lidar com a terra não é apenas para que eles possam ajudar no trabalho, mas principalmente para que as tradições da família não morram, pois o trabalho no campo é uma tradição em Alto dos Coelhos.

Percorrendo as barracas na feira de Delmiro Gouveia – AL, constatamos que as mulheres predominam no cenário da feira e são que lideram suas próprias barracas, definem os preços das mercadorias, decidem os produtos que serão comercializados e são as responsáveis por receber e dar o troco aos fregueses. Cíntia Soares expressa bem essa posição de liderança quando afirma, “*a gente que compra, a gente que vende, eu que faço pagamento, que faço tudo*”. Dessa forma, elas alcançam sua independência financeira e, como alega Clara Maria, presidente do sindicato dos moradores da comunidade, “*as mulheres daqui é assim, minha filha, tudo independente*”.

O trabalho é a atividade diária na qual a maioria das pessoas empregam mais tempo do seu dia e por isso deve ser analisado como parte indissociável da vida dos indivíduos, constituindo também um componente na formação de sua identidade territorial. Analisando o trabalho agrícola das mulheres de Alto dos Coelhos, é importante ter clareza que ele também se constitui em territorialidades, pois como afirma Saquet (2009, p. 8):

A territorialidade corresponde às relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida cotidiana.

O trabalho dessas feirantes também ajuda a construir o território no qual elas estão inseridas, modelam paisagens, definem limites territoriais e dão características a comunidade. Saquet (2009) explica que as territorialidades são produtos do território, mantendo dessa forma uma relação dialética, pois ao passo que as territorialidades produzem o território elas também são geradas através do mesmo, portanto, uma não existe sem a outra.

Saquet (2008, p. 86) escreve que “a territorialidade corresponde às ações humanas, ou seja, à tentativa de um indivíduo ou grupo para controlar, influenciar ou afetar objetos, pessoas e relações numa área delimitada. Esta área é o território [...]”. Portanto, o trabalho na feira ou no campo são formas legítimas de territorializar a comunidade de Alto dos Coelhos, pois dizem respeito as estratégias adotadas por essas mulheres para permanecerem na comunidade e garantir o sustento da família.

Como já mencionamos anteriormente, o Canal do Sertão passa pelo território da comunidade e foi um fator determinante para a produção de alimentos na comunidade. A

escassez de água na região é muito grande, acentuada pela ausência de chuvas regulares a mais ou menos três anos o que reduziu a produção de alimentos, só plantava quem tinha água no barreiro<sup>11</sup>. Com a chegada do Canal do Sertão os agricultores puderam plantar uma variedade de alimentos maior, sem a preocupação de não ter água para irrigar a plantação (Figura 21).

Figura 21 – Barraca de legumes, frutas e verduras da moradora Cíntia.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, janeiro de 2017.

Dona Eliane nos contou que ela e o marido plantam “*Macaxeira, melancia, banana, coentro, alface, cebolinha, tudo da roça, manga, maxixe, pimentão.*” E, logo em seguida, nos contou como era antes do Canal e os benefícios que ele trouxe,

*Antes do Canal a gente plantava só um cumentinho quando chovia, com muito sofrimento. Agora melhorou bastante graças a Deus. Aí a gente tá podendo plantar outras coisas graças ao canal, se não fosse a água do canal a gente tava do mesmo jeito, mesmo sofrimento. Mas pra nós, graças a Deus, agora tá bem melhor.*

O canal do Sertão é uma política pública social que tem como finalidade levar água para as regiões mais secas do estado de Alagoas, dessa forma ele tem cumprido com seu principal objetivo, possibilitando também, como no caso da comunidade Alto dos Coelhos, o desenvolvimento agrícola e, portanto, econômico da localidade. Quando perguntamos se o canal tinha trazido alguma melhoria para a feirante Cíntia ela nos relatou que,

<sup>11</sup> Reservatório de água feito pela população para armazenar água da chuva para o período de seca. A expressão “barreiro” deriva da palavra barro, tipo de solo argiloso, onde eles são escavados.

*Só tenho essas coisas por conta do Canal, porque quando chegou lá e passou bem perto da minha roça não precisa nem de bomba pra puxar, só é na gravidade é bem próximo. Aí só que a roça não é grande, mas o pedaço que tem dá pra plantar umas coisinhas boa, tem feijão, feijão verde. Só coisas verdes, agora fruteira a gente plantou só que assim, ainda estamos esperando ainda colher.*

Quando questionamos como era a comercialização na feira antes do Canal essa mesma feirante contou que, “*comprava tudo e vendia, comprava tudo por aqui, nada de lá tinha, pelo menos eu não, quem tinha barreiro<sup>12</sup> no tempo de chuva tinha*”. Outra feirante, Nairy, contou as dificuldades que ela e sua família enfrentavam para plantar com a água do barreiro e como foi a mudança com a chegada do Canal do Sertão,

*Já a gente plantava na roça da gente mesmo na época que tinha muita chuva, entendeu? Enchia os barreiros e a gente plantava nessa roça. Mas aí essa roça ficava um pouco longe, aí a gente se mudou pra essa casa que tem água encanada, lá no Alto uma das casas que chega mais água é a nossa, por que é cano geral, aí chega água mais rápido. Aí a gente começou a plantar no terreno de casa mesmo com água tratada por que ficou difícil plantar lá na roça porque não tinha água aí pai tinha que levar água na carroça de burro pra aguar, aí chegou o canal do sertão e a gente foi pro canal.*

Ainda sobre o uso da água do barreiro Nairy contou que,

*Na verdade antes do canal tinha o barreiro grande, que é um barreiro vizinho a minha casa, só que, àquela água não era para plantação era pra uso, animais, lavar roupa, aguar planta. Mas questão de verduras, tipo a gente não plantava.*

O uso da água do barreiro era limitado e a qualidade da água era ruim e inviável para consumo humano, o que era plantado usando essa água eram apenas as hortaliças, o básico, nas palavras das feirantes, pois além da água não ser de qualidade tinha que economizar pra durar até as próximas chuvas.

A chegada do Canal do Sertão foi positiva, porém cabe-nos questionarmos de quais formas essa água vem sendo utilizada pelos moradores. Para isso é importante mencionar as condições e autorizações do uso dessa água que, segundo a portaria do Diário Oficial de Alagoas do dia 11 de Dezembro de 2015, que regulamenta os critérios para o uso da água do Canal do Sertão, os usuários que usarem mais de mil litros por hora devem possuir autorização para tal e os que usarem menos que isso não pagarão pelo uso, mas precisam estar

---

cadastrados na Secretaria do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SMARH), órgão responsável por analisar, cobrar e dar autorização para o uso da água.

Diante dessa informação perguntamos as feirantes se elas sabiam da necessidade de autorização para uso da a água. Cíntia contou que,

*Bem, agora estão fazendo o cadastro, todo mundo fez por conta que tão dizendo que vai ser pago, mas no começo não, só era chegar lá quem tivesse roça perto do canal, ou de gravidade, ou quem quisesse colocar bomba só era puxar e tava tudo certo.*

Portanto, identificamos que as feirantes já estão cientes da necessidade do cadastro dos usuários que utilizam menos de mil litros de água por hora, embora a Secretária do Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos (SEMARH) tenha demorado a informar a população sobre esse cadastro, pois a água já vem sendo utilizada há mais de dois anos e só agora o cadastro começa a ser efetuado.

Outra indagação que procuramos responder foi sobre como essa água vem sendo utilizada e se os moradores concordam com o cadastro e a autorização. Conversando com a feirante Patrícia que expressou,

*Eu fico assim entre aspas, nem certo nem errado, porquê tipo assim, o correto seria esse porque não teria tanto destruímento com a água, tem um aí mesmo que, por exemplo, quando a gente vai pro Tingui é tudo seco aí quando chega nessa parte perto do canal do sertão na roça dele sobe aquele ar fresco que só é verdinho na roça dele, agora por quê? Porque ele deixa de dia e de noite a água jorrando na roça pra criar mato pros bichos, entendeu? Atravessa pela estrada a água, tipo destruindo água, tinha que ter uma lei, uma fiscalização pra usar conforme que nem tavam falando do relógio, ter uma taxa pra ter o limite certo e não tá destruindo a água.*

Notamos que há uma consciência entre os moradores de que a água deve ser usada com responsabilidade, ainda sobre esse assunto outra moradora disse que,

*Mas agora tá bem movimentado, pai fez casa, fez chácara e aluga. Aí a água do canal já serve pra encher as piscinas e nós utiliza até a água da piscina porque a gente pega e joga pro capim que planta pros bichos. Aí nada é desperdiçado lá, a gente já fez toda encanação já pra jogar.*

Outra fala importante de pontuar é da senhora Nairy que expressa uma preocupação com os recursos hídricos da sua região e relata como o Canal mudou a dinâmica da sua casa

*O canal do sertão é tipo assim: na minha casa a gente usava água tratada pra que? Pra beber e pra cozinha, pra lavar roupa é água do canal do sertão, pra tomar banho é água do canal do sertão. Aí já é uma coisa a*

*mais, não é melhor?! E tipo pra dar água pros bichos é a mesma coisa aí se não tivesse? Aiíeu fico pensando quando não tinha o Canal do Sertão tinha o barreiro grande que fica por trás da minha casa o povo sempre limpava ele pra quando ter as trovoadas encher pra quando verão ter aquela água pra servir a gente e como tem o Canal do Sertão hoje tá cheio, cheio porquê ninguém usa a água.*

As feirantes entrevistadas expressaram preocupação com o uso da água, pois na sua própria comunidade elas puderam constatar o desperdício de água por parte de alguns moradores. Essa preocupação acontece porque elas sabem que a água é um recurso finito que deve ser preservado e usado com consciência. Mas, além do mau uso da água transportada do Rio São Francisco também temos o impacto ambiental da transposição, pois além desses pequeno produtores a indústria também a utilizará, temos como exemplo um grande latifundiário da região, que foi o primeiro a possuir outorga de uso da água do canal para irrigação de áreas de pastagem.

A água do sertão não servirá apenas para a agricultura familiar e para o uso humano, mas principalmente aos interesses dos capitalistas, pois a demanda de água que eles necessitam é superior as das famílias, a outorga concedida ao latifundiário, por exemplo, permite o uso de 51.944 m<sup>3</sup>/d por dia, mais do que o dobro da concedida ao pequeno agricultor.

Os desdobramentos sociais dessa obra ainda não são visíveis, apesar dos impactos ambientais já serem notórios, pois é o que acontece quando se altera o percurso natural do rio. Cabe, nesse contexto, apenas a conscientização da população quanto a utilização dos recursos hídricos e o combate ao desperdício de água, enquanto é responsabilidade da SMARH fiscalizar e controlar o uso dessa água sem ferir o direito a água das gerações futuras.

A chegada do Canal do Sertão possibilitou o uso da terra que é o meio de trabalho, símbolo de resistência e de luta, é o lugar de descanso e representa as vivências do povo, nesse sentido Souza (2012, p. 114) afirma que,

*Para os que vivem no lugar, a terra é símbolo de vida e trabalho. Dela eles tiram o sustento de sua família. Terra que lhes oferece abrigo e proteção, que oferta a água e partilha vidas. Já para os que vem 'de fora' a terra acaba sendo apenas objeto de capitalismo e exploração de recursos.*

Portanto, a terra possui muitas representatividades, mas em todas estas podemos perceber as relações de territorialidades. A vida e o trabalho dos moradores de Alto dos Coelhos são partes indissociáveis das suas vivências. A valorização do trabalho em família, e portanto, da agricultura familiar fortalece os laços de territorialidade na comunidade e cria uma barreira de proteção contra os agentes externos do capitalismo que não atribuem a terra a

mesma importância que os moradores dão e, dessa forma, exploram a terra de forma inconsequente, pois não respeitam suas limitações.

Esses agentes do capitalismo desterritorializam o território através da opressão da cultura do povo e da tomada de posse de suas terras para, dessa forma, territorializar o território da maneira que lhes for adequada. Essas novas territorializações podem suprimir as antigas formas de territorialização daquele território ou podem coabitar de forma híbrida, conforme observamos com a chegada do Canal do Sertão.

A terra é para as mulheres da comunidade Alto dos Coelhos símbolo de luta e resistência, de aprendizado e da sua história, por isso concordamos com Woortmann (2004, p. 25) quando ela escreve que “mais que mercadoria, para aqueles camponeses a terra é um valor simbólico, um patrimônio familiar que deve passar de uma geração a outra e permanecer na casa-tronco [...]”

Portanto, o trabalho dessas mulheres constitui em territorialidades ao longo do tempo e dizem respeito ao modo de viver e de se organizar socialmente. Dessa forma,

A territorialidade efetiva-se em todas as nossas relações cotidianas, ou melhor, ela corresponde às nossas relações sociais cotidianas em tramas, no trabalho, na família, na rua, na praça, na igreja, no trem, na rodoviária, enfim, na cidade-urbano, no rural agrário e nas relações urbano-rurais de maneira múltipla e híbrida. (SAQUET, 2008, p.90)

Diversas são as formas pelas quais as territorialidades se manifestam e nenhuma é mais importante do que a outra, todas coexistem e contribuem para a caracterização do território, estas características refletem na identidade territorial dos moradores, conforme evidenciamos em nossas análises da festa do padroeiro São José e das relações de trabalho, especialmente das mulheres da comunidade de Alto dos Coelhos.

### **3 IDENTIDADE CULTURAL E TERRITORIALIDADES NA COMUNIDADE ALTO DOS COELHOS, ÁGUA BRANCA-AL**

A proposta desse capítulo é construir uma reflexão acerca da comunidade tradicional Alto dos Coelhos, pontuando os modos de vida dos moradores e os aspectos culturais que permeiam as relações socioespaciais na comunidade.

Buscamos mostrar de que forma a identidade cultural dos moradores de Alto dos Coelhos vem sendo perpassada ao longo do tempo e como suas vivências produzem suas “sertaneidades”, características e formas do viver sertanejo. Para isso, processaremos as informações obtidas em campo e utilizaremos as leituras de autores que nos ajudaram a compreender a comunidade tradicional, as territorialidades, o território, a cultura, as identidades territoriais e culturais da comunidade tradicional Alto dos Coelhos.

#### **3. 1 PERTENCIMENTO E IDENTIDADES TERRITORIAIS NA COMUNIDADE DE ALTO DOS COELHOS**

Nas pesquisas de campo, alguns moradores relataram que tiveram que deixar a comunidade para trabalhar em cidades distantes por que na comunidade o trabalho na agricultura não estava mais gerando renda para o sustento da família. A saída temporária da comunidade não anula suas raízes e identidades, mas o misto de sentimentos que esse indivíduo sente estando longe de casa gera uma relação de pertencimento à comunidade, pois as atividades do dia a dia e a convivência com os demais moradores fazem falta. Mesmo longe da comunidade eles se sentem parte dela, como explica Souza (2012, p. 112),

A diferença entre o viver ‘na’ e ser ‘da’ comunidade está no sentimento de pertencimento, afinidade, na relação de reciprocidade e na forma de uma identidade com o lugar. A identidade se cria pelos laços de afetividade com o território e com as pessoas, através de seus modos de vida e representações do espaço de vivência.

Viver ‘na’ comunidade é realizar suas atividades corriqueiras, ter momentos de lazer jogando bola, brincar com os amigos, conversar com os vizinhos. Ser ‘da’ comunidade envolve também o emocional do sujeito, tanto para com os outros moradores quanto para com o território, a comunidade. Está na relevância atribuída às tradições da comunidade, na sua valorização, no desenvolvimento de trabalhos coletivo, na realização de festas que valorizam sua história e tradições e na sua afinidade com a mesma, por isso ser ‘da’ comunidade de Alto dos Coelhos é diferente de residir ‘na’ comunidade de Alto dos Coelhos.

No território não estão ausentes os sentimentos e afetividades, nele são impressos as marcas culturais dos povos que nele habitou e/ou habita. Ele é caracterizado por essas marcas culturais, pois é o que o diferencia dos demais, essas mesmas marcas remete também as raízes, as tradições, as identidades e as culturas dos sujeitos que nele habitam. Nesse sentido, Almeida (2005, p. 109) escreve que “como também já dissemos, território ele o é, para aqueles que têm uma identidade territorial com ele, no resultado de uma apropriação simbólico-expressiva do espaço, sendo portador de significados e relações simbólicas.”.

Além da definição principal que o território ganha de que ele é a delimitação de determinada parcela do espaço, Araújo; Haesbaert (2007, p. 242) mostra que ele também é “produto e produtor de identidade, o território não é apenas um ‘ter’ [...] O território compõe também o ‘ser’ de cada grupo social, por mais que sua cartografia seja reticulada, sobreposta e/ou descontínua.”. Dessa forma, buscamos mostrar com essa pesquisa uma outra faceta do território, o reflexo das culturas e identidades que resultam no “ser” de cada pessoa e/ou comunidade.

Por vezes o conceito de território é confundido com o de espaço, pois apesar de serem diferentes mantêm relações dialéticas, portanto, para compreendermos com clareza esses conceitos nos pautamos em Saquet (2008, p. 81) que em sua obra traz alguns elementos que nos ajudam nesse processo, “diferenciando o território do espaço geográfico a partir de três características principais: as relações de poder, as redes e as identidades [...]”. Então temos as relações de poder que se estabelece, as redes que são os fluxos de pessoas e a dinâmica econômica, por exemplo, e as identidades sobretudo a cultural e territorial que dão forma ao território.

Ainda sobre o espaço geográfico e o território, Raffestin (2008, p. 26) compreende que,

O espaço é a “prisão original”, de acordo com a definição de Gunnar Olson, a “jaula”, segundo Jean Brunhes; ao contrário, o território é a prisão que os homens constroem para si, reorganizando as condições iniciais.

O espaço é a totalidade e antecede o território, pois este é produzido através das ações de agentes sobre o espaço, assim temos o processo de territorialização, de criação de uma parcela desse todo, através das territorialidades. Segundo Saquet (2008, p. 88) as territorialidades são,

Um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo social e de grupos distintos. Nas territorialidades, há continuidades e descontinuidades no tempo e no espaço; as territorialidades estão

intimamente ligadas a cada lugar: elas dão-lhe identidade e são influenciadas pelas condições históricas e geográficas de cada lugar.

Portanto, só é possível territorializar um espaço por meio da ação humana coletiva ou individual, constante ou intermitente assumindo assim, diferentes formas e características, pois múltiplos são os agentes. Outro aspecto importante desse processo é que através deles os territórios vão se diferenciando dos demais, imprimindo neles identidades e características próprias.

Dessa forma, temos uma relação de reciprocidade entre o território e as pessoas que o territorializam, assim entendemos que esses sujeitos têm suas identidades formadas a partir dos seus modos de vida e das suas territorialidades. O território é um espelho onde a identidade é refletida. Esse reconhecimento é essencial na vida do sujeito, pois o mesmo necessita sentir-se parte de algo e a identidade territorial é uma forma expressiva que alcançar isso, como percebemos na comunidade de Alto dos Coelhos, uma comunidade territorializada através de ações coletivas de sujeitos com grau de parentesco e que ainda hoje carrega essas territorialidades acumuladas ao longo do tempo.

Esta territorialidade revela uma comunidade que valoriza as relações familiares e preza pelas relações de respeito e afetividade uns para com os outros (Figura 22). Como expressa Clara Maria quando diz que *“mulher é assim, eu digo sempre que o povo daqui é o povo melhor do mundo. Você acredita?”*

Figura 22 – Moradores da comunidade conversando ao ar livre.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Julho de 2016.

É no uso e na apropriação do território que os moradores sentem-se pertencentes à comunidade, alimentando assim a sua identidade territorial que “[...] trata-se de uma identidade em que um dos aspectos fundamentais para sua estruturação está na alusão ou referência a um território, tanto no sentido simbólico quanto concreto.” (HAESBAERT (1997) *apud* ARAÚJO; HAESBAERT, 2007, p. 74). Essa identidade é construída por meio de uma relação do sujeito com um território repleto de sentimentos e afeição com o mesmo, dessa forma, a identidade desses sujeitos molda-se no cotidiano, no momento em que desenvolvem suas atividades diárias junto a sua família ou individualmente. Essas ações práticas associadas as relações afetivas com o território são as territorialidades que, como afirma Saquet (2009, p. 08),

[...] corresponde às relações sociais e às atividades diárias que os homens têm com sua natureza exterior. É o resultado do processo de produção de cada território, sendo fundamental para a construção da identidade e para a reorganização da vida cotidiana.

São essas práticas que dão forma ao território e, portanto, a identidade territorial, formada a partir das experiências com o território, assim, são as territorialidades que norteiam a construção dessa identidade. O território também é um elemento em construção e não é estático, assim como também não é estática a identidade territorial, por isso as relações de construção dessa identidade são múltiplas, pois múltiplos também são os territórios. Portanto, usando as palavras de Araújo; Haesbaert (2007), o território é produto e produtor de identidade.

Nas falas dos entrevistados percebemos o quão forte é a relação dos moradores com o território, ou seja, o “nosso lugar”, tanto no sentido de habitar o território quanto nas formas de uso e apropriação. Independente da profissão dos moradores, todos possuem um “pedaço de chão”, onde trabalham e demonstram o orgulho com esta apropriação. Em uma das entrevistadas dona Lucimar da Silva mencionou a roça como sendo o lugar “*de lazer eu gosto de ir pra roça dia de domingo, eu e minha família e lá a gente passa o dia todo*”.

Portanto o território,

(...) envolve sempre, ao mesmo tempo (...), uma dimensão simbólica, cultural, através de uma identidade territorial atribuída pelos grupos sociais, como forma de ‘controle simbólico’ sobre o espaço onde vivem (sendo também, portanto, uma forma de apropriação), e uma dimensão mais concreta, de caráter político-disciplinar [e político-econômico, podemos acrescentar]: a apropriação e ordenação do espaço como forma de domínio e disciplinarização dos indivíduos.” (HAESBAERT (1997) *apud* ARAÚJO; HAESBAERT, 2007, p. 41).

Outra autora contribuiu em nossa pesquisa para a compreensão das ações realizadas no território, as territorialidades, que segundo Cunha (2012, p. 132) é

[...] o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico. Portanto, compreende-se que as estratégias para garantirem a reprodução material e social de um grupo familiar ou de uma coletividade se constituem como estratégia de territorialidade.

Entendemos as territorialidades como ações realizadas por pessoas e/ou grupos numa determinada parcela do território com diferentes características, que vai desde o momento de lazer ao ato de trabalhar. São os usos do território que geram as territorialidades e estas tem seus reflexos na cultura e na identidade dos moradores da comunidade, provocando assim uma relação de mão dupla, pois ao mesmo tempo que criam-se as territorialidades criam-se também as identidades territoriais, dessa forma, o território passa a representar as culturas e as identidades territoriais.

É importante pensarmos sobre o processo de construção da identidade, nesse sentido, Araújo; Haesbaert faz uma rica reflexão quando escreve que,

Identificar-se no âmbito humano-social, é sempre *identificar-se*, um processo *reflexivo*, portanto, e identificar-se é sempre um processo de identificar-se *com*, ou seja, é sempre um processo *relacional*, dialógico, inserido numa relação social. Além disso, já que não encaramos a identidade como algo dado, definido de forma clara, mas como um movimento, trata-se sempre de uma *identificação* em curso, e, por estar sempre em processo/relação, ela nunca é uma, mas *múltipla*. (ARAÚJO; HAESBAERT, 2007, p. 236).

O processo de formação da identidade pode ser comparado ao processo de renovação das águas de um rio, que se renovam a cada momento através do fluxo das águas e, dessa forma, a água nunca é a mesma. Assim, a identidade está repleta de elementos dinâmicos que conduz a reflexão da sua forma de viver.

Dessa forma a identidade é composta por múltiplos agentes que influenciam direta e indiretamente na sua construção. Saquet (2009, p. 08) escreve que:

Isso significa dizer que entendemos a identidade de maneira híbrida, isto é, como processo relacional e histórico, efetivado tanto cultural como econômica e politicamente. A identidade é construída pelas múltiplas relações-territorialidades que estabelecemos todos os dias e isso envolve, necessariamente, as obras materiais e imateriais que produzimos, como os templos, as canções, as crenças, os rituais, os valores, as casas, as ruas etc.

Com essa afirmação o autor nos traz uma característica importante da cultura, a hibridação. Segundo Cancline (2003, p. 22),

As vezes isso ocorre de modo não planejado ou é resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos e de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas frequentemente a hibridação surge da criatividade individual e coletiva. Não só nas artes, mas também na vida cotidiana e no desenvolvimento tecnológico.

Com isso percebemos que, cada vez mais, é difícil identificarmos culturas puras, isso porque no decorrer do tempo as culturas vão assimilando elementos culturais de outras, elas inventam e reinventam a cada dia, tornando-se um híbrido cultural. Há discordância da ideia de culturas puras também em Saquet (2009, p. 6) quando ele escreve que, “a identidade territorial é intercalada por várias outras e seu conteúdo simbólico pode, às vezes, mudar rapidamente no tempo, ela nunca pode ser vista como unitária.”.

Compreendemos então, que a identidade se faz nova constantemente a medida que dialoga com o território através das territorialidades dos moradores, portanto, a identidade não pode ser estudada como unitária, isenta de mudança e tão pouco o território pode ser visto como estático, contudo os dois dialogam entre si através de dinâmicas próprias.

Assim, as identidades da comunidade de Alto dos Coelhos vão sendo submergidas, ao mesmo tempo que outras são adquiridas. Segundo Hall (2006, p. 21), “a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida.”. Essa relação entre perda e ganho de identidade se revelou expressiva nas visitas de campo e nos depoimentos dos moradores da comunidade quando eles afirmaram que suas vidas foram se adaptando as variáveis ocasionadas ao longo do tempo, seja pelas influências de outras culturas ou pelas condições climáticas que influenciam diretamente na vida econômica dos moradores, pois a maioria são agricultores e dependem da água da chuva para plantar.

Contudo, essas mudanças nos modos de vida dos moradores não são percebidas na totalidade pelos mesmos, isso por que eles não conseguem perceber as mudanças culturais ocorridas na comunidade. Quando questionamos se na comunidade havia algo diferente em relação as outras, os moradores citaram o ginásio de esporte como o diferencial e a festa da padroeira por ser a maior da região, mas em nenhum momento citaram seus próprios modos de vida como o diferencial da comunidade de Alto dos Coelhos. Hall (2006, p. 38) explica que essa condição acontece por quê,

Entretanto, embora o sujeito esteja sempre partido ou dividido, ele vivencia sua própria identidade como se ela estivesse reunida e “resolvida”, ou unificada, como resultado da fantasia de si mesmo como uma “pessoa” unificada que ele formou na fase do espelho.

Dessa forma, as pessoas não tem uma identidade, mas têm várias, é o que podemos chamar de identidade múltipla. Talvez seja difícil para os moradores da comunidade de Alto dos Coelhos se reconhecerem com múltiplas identidades, pois é contraditório ao que normalmente aprendem: que devem ser pessoas bem resolvidas e decididas em relação ao que querem para suas vidas. Portanto, criam a ilusão de que tem uma identidade consolidada, mas como afirma Hall (2006) isso é uma fantasia. Para ter a clareza dessa pluralidade da identidade é preciso ter consciência que ela é formada através dessa constante mutação. Para compreendermos melhor essa questão cabe citar Hall (2006, p. 38-39) quando ele escreve que,

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” [...].

Os modos de vida dos moradores, as práticas cotidianas e suas vivências na comunidade são a expressão de sua cultura, do modo como eles estão organizados e como se relacionam uns com os outros e com o território, o que tem implicações diretas na identidade desses indivíduos e na forma como eles produzem suas territorialidades.

### 3.2 CONCEITO DE CULTURA E SUA RELAÇÃO COM AS IDENTIDADES E COM O TERRITÓRIO

Segundo Saquet (2009) a identidade é moldada pela cultura. Portanto, é pertinente indagamos o que é cultura? O primeiro a definir o conceito de cultura na perspectiva antropológica para Laraia (1986) foi Edward Taylor que uniu a palavra germânica kultur, utilizada para simbolizar os aspectos espirituais de uma comunidade, com a francesa civilization que refere-se principalmente as realizações materiais de um povo. A partir dessa junção surgiu uma nova palavra no vocabulário inglês: *culture* que, “[...] tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR, 1871, p.1 *apud* LARAIA, 1986, p. 25).

Podemos entender que cultura são todas as ações que o homem exerce sobre o espaço, aprende em sociedade e ensina no decorrer de sua vida. O homem está condicionado às mudanças e por isso sempre faz alterações no espaço em que vive, produzindo dessa forma

cultura, uma vez que entendemos que ela refere-se a todas as práticas humanas. Ou seja, a cultura está sempre em constante mutação por que o homem também muda a cada dia e essa relação entre o homem e a cultura acontece concomitantemente, mesmo ele vivendo em um ambiente diferente daquele que ele nasceu está sujeito a adquirir a cultura local, da mesma forma que transmite a cultura que aprendeu na infância. Dessa forma pode-se entender que o homem pode vivenciar mais de uma cultura no decorrer da vida. Nesse sentido, Mello escreve que “temos que considerar, de saída, que a cultura não é adquirida apenas [...] ela é também transformada, mudada e acrescentada pela inovação ou descoberta.” (MELLO, 2009, p. 41)

Mais do que produtor de cultura o homem é o resultado dela, resultado esse que é obtido através do esforço coletivo e não individual, Mello (2009, p. 42) aponta que, “a cultura, embora seja, em última análise, obra do homem e exista para o homem, ela é uma tarefa social e não individual; ela é o conjunto de experiências vividas pelo homem através de mais de um milhão de anos de existência”

A construção da identidade envolve uma rede de fluxos de pessoas e, portanto, de influências de diferentes tipos de indivíduos, pois ela não é estável, como pontua Marques; Brandão (2015, p.11),

Como a cultura não é estável/fixa, é possível observar certa latência em seus fluxos. Esta característica modifica paulatinamente as formas, características e estética das manifestações culturais, proporcionando-lhes uma dinâmica própria e singular. Portanto, a cultura é inventiva, é histórica, é processo e mudança.

A cultura, apesar de não ter sua transformação visível a curto prazo transforma-se e ganha novos contornos a depender de seus agentes de produção. Dessa forma, compreendemos que ela é inventada, histórica, processual e sofre mudanças, pois é uma criação humana, que coexiste com a comunidade e sempre está em processo de construção.

Como forma de melhor entender a identidade cultural cabe citar Claval (1995) *apud* Almeida (2005) que explica três elementos pelos quais ela pode ser formada: a origem comum, o desejo de adequar-se às práticas de um grupo e a construção da pessoa. E, posteriormente, em seu texto classifica a identidades em três tipos: histórica e patrimonial, projectiva e vivida.

Sobre a identidade histórica e patrimonial Almeida (2005, p. 109) escreve que ela é “construída em relação com acontecimentos passados importantes para a coletividade e ou com um patrimônio sociocultural, natural ou socioeconômico.”. Em Alto dos Coelhos o aspecto mais marcante na construção da identidade é a origem comum, os vínculos familiares

contribuem para formar uma identidade que, na sua essência, é histórica e patrimonial, mas que possui traços da identidade vivida, pois esta consiste nos atuais modos de vida que se reinventam no cotidiano da comunidade. Ser da comunidade significa também ter sua identidade cultural ligada essencialmente ao seu território.

Portanto, podemos compreender que a identidade territorial está essencialmente ligada a cultura e ao território, sendo construída através das territorialidades. Durante o processo de construção da identidade territorial a cultura é o elemento que molda suas características.

Pensando sobre as territorialidades, a cultura e o território analisaremos no tópico seguinte a festa do padroeiro, São José, da comunidade Alto dos Coelhos, pois entendemos que os moradores também produzem territorialidades através dela, sendo ela mesma uma expressão cultural da comunidade.

### 3.3 OS VÍNCULOS IDENTITÁRIOS E AS CARACTERÍSTICAS INTRÍNSECAS EM ALTO DOS COELHOS

Em nossa pesquisa visamos compreender a comunidade tradicional de Alto dos Coelhos através da abordagem da geografia cultural. Nesta perspectiva trazemos para o debate acadêmico conceitos de território e de territorialidade, buscando entender as especificidades das comunidades tradicionais.

O sertão é um lugar de grandes riquezas culturais e mais do que isso, como expressa Paula (2012, p. 93, “o sertão tem cor, cheiro e sabor. Cor de terra, de poeira e de vermelho de urucum. Cheiro de fogo ardendo no fogão de lenha, de alguém ‘passado’ um café e o sabor de um ‘gole’ de café ou de um cozido em panela de *alumínio arreado*.”). Este sertão retrata a imagem de uma comunidade tradicional como a que estudamos nesta pesquisa, especificamente o Alto Sertão alagoano.

Ressaltamos a importância de termos estudado a comunidade tradicional por meio das identidades culturais na intenção de conseguirmos capturar as singularidades locais, pois são as culturas que dão cor e contorno ao território. Como afirma Cunha (2012, p. 132), “pode-se falar, então, que os diversos grupos étnicos sertanejos em seus diferentes ambientes naturais formaram identidades múltiplas que refletem as suas especificidades locais.” Assim, as identidades cultural e territorial desempenham a função de serem elas indicadores das características territoriais. Além disso, não podemos esquecer que, apesar dessas identidades estarem em constante transformação juntamente com o território, elas se caracterizam também por possuírem uma essência, ou seja, é aquilo que se mantém imutável e que distingue uma

comunidade das demais. A essência dos vínculos identitários também foi outra característica que buscamos compreender em Alto dos Coelhos, para compreendermos as especificidades da comunidade.

A resistência desses sertanejos em permanecer no lugar ou de retornar eram explícitas nas entrevistas e conversas com os moradores, sendo as relações de trabalho o principal fator de permanência na localidade para alguns. Antes da chegada do canal do sertão a agricultura familiar vinha diminuindo gradativamente, chegando ao ponto de algumas pessoas não plantarem mais, devido à escassez de chuva. Os jovens, por exemplo, já haviam começado a deixar suas famílias para irem trabalhar nas grandes capitais, especialmente na área de construção civil, pois a agricultura não estava suprindo suas necessidades básicas. Como já mencionado, foi a chegada do Canal do Sertão que impulsionou e viabilizou a retomada da agricultura familiar para os moradores de Alto dos Coelhos que possuem terras próximas ao empreendimento.

Queremos frisar que na nossa pesquisa constatamos que o “ir embora” de Alto dos Coelhos não se configura como um sonho almejado na vida de seus moradores, mas como uma forma alternativa de sustento da sua família. A partida não é eterna, pois o regresso à comunidade acontece constantemente, seja para passeio ou para ficar permanentemente, como podemos perceber na fala do morador Zé Padre, *“eu já estive em São Paulo e achava bom lá, mas sempre com uma tendência de retornar pra cá e agora estou aqui.”*

A chegada do canal proporcionou aos moradores a reafirmação de suas culturas e tradições, pois o manejo com a terra tem significados para além da relação econômica, a terra é símbolo de lutas, resistências, afetividades e pertencimentos. Um morador afirmou que *“Aqui a tradição do povo é só trabalhar de roça, alguns aí tem barzinho pra vender cachaça isso. É o costume do povo aqui. Trabalhar de roça é tradição aqui do povo.”*

Diegues (2001, p. 93) faz um importante apontamento sobre as influências que as culturas sofrem:

As culturas tradicionais não são estáticas, estão em constante mudança seja por fatores endógenos ou exógenos, sem que por isso deixem de estar inseridas dentro de um modo de produção que denominamos de *pequena produção mercantil*.

Diversas são as influências que a comunidade recebe, como citamos, elas podem vir de dentro ou de fora da comunidade e a forma pela qual os moradores lidam com elas é determinante, podendo servir para fortalecer traços culturais ou modificar, como o exemplo

do canal do sertão, um fator exógeno que acabou por fortalecer a tradição da agricultura familiar na comunidade.

Ainda sobre as influências exógenas notamos em Alto dos Coelhos que elas não conseguiram ofuscar e desvalorizar a importância dos relacionamentos estabelecidos entre os moradores e se configuram, como escreve Araújo; Haesbaert (2007, p. 234),

[...]em formas de resistir ao sem sentido de uma sociedade globalmente mercantilizada e na qual tudo é passível de transformar-se em valor contábil, ou seja, em que a primazia das relações e dos valores sociais está vinculada à acumulação do capital.

O mesmo autor afirma que a identidade é uma maneira de resistir aos agentes externos do capital, dessa forma, pensando na comunidade, observamos que ela é o lugar de resistência cultural e identitária aos processos da globalização. Alto dos Coelhos desafia a lógica das relações superficiais e vazias de afetividade produzidas em massa através do capitalismo, pois seus moradores tem como motivação para se relacionarem a amizade, a familiaridade, o comunitário e o apadrinhamento. Essas relações são mantidas de forma bastante natural, conforme observamos nas afetividades e no prazer em compartilhar experiências em conjunto (Figura 23).

Figura 23 – Momento de lazer e confraternização dos moradores de Alto dos Coelhos.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Julho de 2016.

Souza (2012, p.110) pontua que “as relações simbólicas e de afetividade, por exemplo, é um fator presente em quase todos os estudos sobre comunidades tradicionais, já as formas de ocupação e usos dos espaços são específicas de cada localidade.”. Então, as relações de afetividades são próprias das comunidades tradicionais e, tomando apenas essa característica, todas seriam iguais, o fator de diferenciação são as territorialidades, o modo como a comunidade é ocupada.

Durante o processo de ocupação vão sendo criadas formas próprias da comunidade atuar em seu território, dessa forma cria-se elementos que as distingue das demais. A respeito desse processo Cunha (2012, p. 132) compreende que

A territorialidade é compreendida pelo antropólogo como o esforço coletivo de um grupo social para ocupar, usar, controlar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico. Portanto, compreende-se que as estratégias para garantirem a reprodução material e social de um grupo familiar ou de uma coletividade se constituem como estratégia de territorialidade.

Deste modo, são as tradições expressas nas ações cotidianas que caracteriza a comunidade tradicional. O fazer junto e o ensinar as gerações mais novas produz vínculos com o território ao longo dos anos. Durante a pesquisa tivemos a oportunidade de presenciar um momento que exemplifica bem essa transmissão de saberes, quando no decorrer de uma entrevista uma senhora mostrava pra uma jovem moradora uma foto das pessoas mais antigas da comunidade ainda crianças (Figura 24).

Figura 24 – Senhora mostrando foto antiga a uma jovem.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Julho de 2016.

Esse momento nos faz entender que a identidade cultural é tecida através do acúmulo de saberes ao longo dos anos que são ensinados pelos mais velhos, também conversando com outras pessoas mais jovens da comunidade observamos que elas são familiarizadas com a história de formação do povoado e se reconhecem nesse processo como membro da comunidade de Alto dos Coelhos. Pois como afirma Medeiros (2008, p. 222), “a constituição da cultura nos sujeitos se inicia na infância e é também uma herança dos seus ancestrais.” o processo de formação identitária e cultural inicia-se desde os primeiros passos do indivíduo e nunca chega ao fim.

Para Souza (2012, p. 111), “a comunidade é, portanto um ‘espaço de vida’. O que caracteriza a essência de cada comunidade são os sujeitos e as relações que se estabelecem entre eles e com a natureza.” Logo, a essência da comunidade está nas relações socioespaciais, capazes de construir territorialidades, a festa do padroeiro, por exemplo, se materializa através do esforço coletivo dos moradores em realizá-la. Nairy, moradora, contou que

*Porque assim... todo ano tem festa no Alto, o povo da comunidade se organiza e dá tudo certo, tipo como é nove noites o pessoal sempre tem... tipo meu pai vai doar um carneiro outra pessoa outra coisa pro bingo, pra ficar bonito. Como ele é o padroeiro aí toda festa, que tem todo ano, faz uma cartinha com o nome do esposo e da mulher pra eles colocarem dinheiro, ou tem gente que doa todo mês uma quantidade, tipo 50 reais. Aí tem uma pessoa que fica responsável por isso arrecadar o dinheiro e faz uma cartilha com o nome de todo mundo que ajudou.*

Os moradores se empenham na realização da festa, pois compreendem que a mesma expressa sua identidade cultural e suas tradições, como afirma Nairy “todo ano tem”. Esses indivíduos acreditam que a responsabilidade de executar a festa não é apenas da igreja, mas principalmente deles enquanto moradores e por isso se mobilizam em prol da sua realização. Dessa forma eles se tornam efetivamente parte do processo de realização da mesma, por isso, a festa de São José é a máxima expressão da identidade desses moradores.

Assim, a festa é uma forma de representação da identidade cultural dos moradores de Alto dos Coelhos, perceber as formas de representação é uma das formas de compreender as especificidades da comunidade tradicional. Diegues (2001, p. 63) afirma que para entender a comunidade:

Em suma, no coração das relações materiais do homem com a natureza aparece uma parte ideal, não-material, onde se exercem e se entrelaçam as três funções do conhecimento: *representar, organizar e legitimar* as relações dos homens entre si e deles com a natureza. Torna-se, assim, necessário analisar o sistema de representações que indivíduos e grupos fazem de seu ambiente, pois *é* com base nelas que eles agem sobre o meio ambiente.

Então procuramos analisar a comunidade por esses três vieses e observamos que suas formas de representação efetivam-se pelas ações conjuntas de seus moradores, não somente no momento da festa, mas durante todo ano, pois eles realizam bailes, juntam-se para confraternizar em bares, nas praças e nos campos de futebol (Figura 25) etc.

Figura 25 – Momento de lazer dos homens na comunidade.



Autor: Patrícia Rocha.

Fonte: Pesquisa de campo, Março de 2016.

Outro fator que analisamos foi a forma como a comunidade está organizada fisicamente, observamos que o crescimento da comunidade acontece do centro para suas periferias, pois ao redor da igreja, o centro da comunidade, é o lugar de maior aglomeração de casas e pontos comerciais. Como forma de melhor se organizarem enquanto comunidade os moradores criaram a associação de moradores que no ano de 2015 contava com 60 membros, de acordo com a presidente Clara Maria. Na associação eles buscam, juntamente com os representantes políticos do município, melhorias para sua localidade e também desenvolvem atividades culturais e de lazer, como foi o caso do arraial junino da terceira idade que aconteceu no ano de 2015.

E, por fim, a autenticidade da comunidade está nos vínculos de afetividade e de parentesco estabelecida entre os moradores, pois é a partir desses relacionamentos que a comunidade afirmar sua identidade cultural e territorial. Não são os objetos, como a igreja por exemplo, que legitima a comunidade, mas as pessoas e as territorialidades que elas exercem no meio em que vivem. Esses vínculos também geram afetividade para com o território, pois como notamos na fala de Aldiro “*Orgulho de ser nordestino é como uma raiz aonde a gente nasce a raiz enraíza e a gente termina morrendo ali mesmo, a gente tem que valorizar o nosso nordeste.*”

Essas três características que nos ajudaram a analisar a comunidade Alto dos Coelhos estão dentro da linha temporal e em constante transformação, por isso Saquet (2008, p. 82) traz ao debate que,

O tempo presente, passado e futuro indica processualidade e, também, simultaneidade, pois vivemos diferentes temporalidades e territorialidades, em unidade, em processo constante e concomitante de desterritorialização e reterritorialização que gera sempre *novas* territorialidades e *novos* territórios que contêm traços/ características dos *velhos* territórios e territorialidades.

O tempo é um caminho a ser percorrido, um processo, o presente, o passado e o futuro não são necessariamente variáveis isoladas, mas de muitas formas compartilham a mesma singularidade da linha do tempo. Concordamos com Saquet (2008), quando ele afirma que vivemos diferentes temporalidades. Fazemos também diferentes territorialidades durante a existência humana, essas territorialidades, por sua vez, não são fixas, pois são criadas por ações dos homens que estão em constante transformação e que nesse processo territorializam o território, desfaz e refazem territorialidades, sempre em movimento. Essas novas territorialidades não são por regras totalmente diferentes das que outrora existiu, já que elas possuem uma essência, o que não significa que as mesmas nunca possam mudar totalmente, pois se o homem muda, conseqüentemente suas ações no território habitado também mudará.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das mudanças que permeiam a identidade cultural dos moradores da comunidade de Alto dos Coelhos podemos evidenciar como a cultura vem sendo modificada no decorrer do tempo, além de apontar quais são os fatores de maior influência dessas mudanças. Em nossa pesquisa analisamos como a comunidade tradicional Alto dos Coelhos se articula para criar estratégias de resistência, mas também em adquirir novas relações socioculturais e territoriais.

Compete aqui colocar que, segundo Hall (2006), a identidade pode ser conquistada ou perdida e por isso é necessário que ela seja alvo de análises e estudos, pois em sua essência ela não pode ser rotulada e nem superficialmente entendida sendo, portanto, um processo contínuo e intenso que nos faz entender seus aspectos.

Em relação à comunidade estudada, Alto dos Coelhos, suas culturas e identidades são evidentes. Notamos que na fala dos moradores um sentimento de pertencimento e uma relação de afetividade ao território. Identificamos ainda que as relações cotidianas, os festejos e o trabalho na terra revelam o quanto a cultura está ligada a apropriação e identificação com este território.

O território passa pelo processo de territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Foi justamente esses processos que pudemos evidenciar em Alto dos Coelhos, pois tanto o território quanto as identidades estão sendo transformadas constantemente. E essas mudanças influenciam diretamente na sociedade pois, ela é resultado das experiências e realizações humanas que vão desde os aspectos econômicos, políticos e culturais, por isso, a importância de analisarmos as identidades territoriais e culturais na comunidade de Alto dos Coelhos.

As tradições são passadas de pai pra filho de modo muito natural, a cultura de ir à igreja, principalmente católica e considerar a fé como sendo a base da formação do próprio sujeito também releva o modo de vida desses sujeitos. Outra tradição muito forte no povoado é a valorização da família, o modo como eles agem em relação a ela, tradição essa que vem desde a fundação da comunidade, valorizando assim a sua história e sua memória.

Os mais velhos foram criados trabalhando na roça e ensinaram a seus filhos a lidar com a terra, esses ensinamentos de alguma forma se associam a sua identidade cultural, pois o trabalho com a terra é a principal característica do homem e da mulher do campo e, por conseguinte das pessoas da comunidade. As culturas e identidades foram evidenciadas no trabalho com a terra, na transmissão desse conhecimento para os filhos, na valorização da

história de formação da comunidade que reflete no fortalecimento das relações de parentesco entre os moradores e no cotidiano, palco das simples, porém significativas, vivências do dia-a-dia.

Em Alto dos Coelhos há uma forte identificação cultural e territorial, porque as pessoas se reconhecem como sendo daquela localidade, reconhecem não apenas suas tradições e culturas como também as valorizam e contribuem para sua perpetuação. Percebemos que na comunidade a autoafirmação como sendo morador de Alto dos Coelhos é intensa e, por meio da compreensão da história de formação da comunidade, foi possível constatar que a relação de pertencimento está intimamente ligada à descendência genealógica comum dos moradores, eles mesmo afirmam que “*aqui todo mundo é família*”.

Ressaltamos a importância das relações de parentescos na construção das identidades na comunidade uma vez que criou-se uma identidade singular, capaz de tornar-se uma referência na localidade, até mesmo o nome da comunidade homenageia e, portanto, valoriza a família fundadora da localidade.

A construção da identidade é um processo que independe de sua conscientização por parte do sujeito, porém é imprescindível que ele se reconheça enquanto parte da mesma, pois a autoafirmação como sendo “daquele povo” traça o perfil de uma comunidade, como acontece em Alto dos Coelhos, a identidade e identificação com a comunidade a torna tradicional e legítima. Essa identidade cultural dos indivíduos sempre está em processo de transformação, porém, sua essência, o que podemos chamar de raízes, é algo mais difícil de ser mudado, pois é através delas que o sujeito aprende a enxergar o mundo e também a si próprio, são as raízes que diferencia uma pessoa da outra.

A pesquisa revelou uma comunidade tradicional rica e diversificada, no sentido cultural, histórico, territorial e sócio espacial. Nas conversas com os moradores tivemos a oportunidade de conhecer pessoas com modos de vida simples, mas que valorizam a família, buscam na fé motivação para acreditar em dias melhores, com mais chuvas e, portanto, com mais trabalho para todos, acreditam também na força dos relacionamentos e vínculos estabelecidos uns para com os outros e essa é a maior riqueza dessas pessoas.

O cotidiano da comunidade parece tão natural aos olhos de seus moradores, pois eles não percebem a riqueza das suas simples ações corriqueiras como varrer a rua porque sua mãe varria, sua vó varria, sentar na praça para conversar, etc. As relações de afetividade e reciprocidade ainda são valorizadas e cultivadas, a globalização tem roubado esses momentos dos moradores dos grandes centros, mas na comunidade estes vínculos são notórios. Por isso, é imprescindível compreender como a comunidade está reagindo perante as mudanças

oriundas do avanço da globalização e foi justamente essas estratégias que a comunidade criou para enfrentar essas influências, conforme evidenciamos em nossa pesquisa com a implantação do empreendimento do Canal do Sertão Alagoano. A tradição de cultivar foi reafirmada, pois o mesmo possibilitou o manejo com a terra, mesmo em períodos de escassez hídrica.

Comprendemos o processo de formação sociocultural e territorial da comunidade a partir de sua história, pois as raízes dos moradores foram fixadas por meio do esforço coletivo de seus antepassados em ocupar e territorializar a comunidade de Alto dos Coelhos, assim olhando para o passado foi possível compreender os atuais contornos da comunidade. Além disso, estudamos os modos de vida dos moradores através da observação do cotidiano dos mesmos, de entrevistas semiestruturadas e conversas abertas com os moradores. Analisamos, ainda, o trabalho das mulheres da comunidade a partir do manejo da terra e da comercialização dos produtos cultivados na comunidade Alto dos Coelhos e vendidos na feira livre de Delmiro Gouveia - AL e, estudamos a principal festa da comunidade, a festa do padroeiro São José. Por meio da análise desses momentos, que são bastante singulares na comunidade, foi possível perceber a forma como a identidade cultural se expressa e como essas pessoas territorializam sua comunidade.

Estudar a comunidade no viés da Geografia Cultural proporcionou entender o quão o sertão alagoano é rico e a forma como as pessoas da comunidade Alto dos Coelhos possuem fortes vínculos territoriais. Nas festas, percebemos o pertencimento que os sujeitos possuem com o território e isso ficou explícito na volta dos nascidos na comunidade no período dos festejos, especialmente na festa do padroeira São José. Voltar para a comunidade, principalmente no período da festa, foi algo notado a partir de um dos trabalhos de campo, nesse momento, os moradores (re)significam suas identidades e nutre seus laços territoriais.

Nesse universo que é tão singelo, podemos notar que os vínculos territoriais, culturais e identitários dos moradores de Alto do Coelhos são bastante preciosos enquanto objetos de pesquisa, e necessitam de um olhar atento sobre os fenômenos que permeiam a comunidade tradicional. A pesquisa em questão foi enriquecedora, por possibilitar entender os sujeitos, os modos de “ser” e “viver” em uma comunidade tradicional do sertão alagoano e valorizar as singularidades da comunidade.

## REFERÊNCIAS

- ALAGOAS. Portaria/SEMARH Nº 822/2015. Dispõe sobre a regulamentação do uso de água no Canal Adutor do Sertão Alagoano. **Diário Oficial do Estado de Alagoas**. Maceió, AL, 11 dez. 2015.
- ALMEIDA, M. G. de. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista da ANPEGE**. v. 2, n. 2. Fortaleza, 2005, p. 103-111.
- ARAUJO, F. G. B. de; HAESBAERT, R. **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.
- BRANDÃO, C. R. A comunidade tradicional. In: COSTA, J. B. de A; OLIVEIRA, C. L. de. (orgs.). **Cerrado, gerais, sertão: comunidades tradicionais nos sertões roseanos**. São Paulo: Intermeios; Belo horizonte: Fapemig; Montes Claros: Unimontes, 2012. p. 385-380.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Sinopse por setores**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopseporsetores/?nivel=st>>. Acesso em: mar. 2017.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3.ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.
- CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z; **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- CUNHA, M. das G. C. Territorialidades sertanejas: permanências e transformações no espaço rural nordestino. In: COSTA, J. B. de A; OLIVEIRA, C. L. de. (orgs.). **Cerrado, gerais, sertão: comunidades tradicionais nos sertões roseanos**. São Paulo: Intermeios; Belo horizonte: Fapemig; Montes Claros: Unimontes, 2012. p. 385-380.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
- EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA: EMBRAPA. **Sistema brasileiro de classificação de solos**. 2. ed. – Rio de Janeiro: EMBRAPA-SPI, 2006.
- GOOGLE MAPS. **[Imagem de satélite do Alto dos Coelhos]**. [2017]. Nota (dinâmica espacial da comunidade). Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Delmiro+Gouveia+-+AL/@-9.3535105,-37.9038747,1305m/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7092783a6623c43:0x591f760fb71cc762!8m2!3d-9.3859509!4d-37.998877>>. Acesso em: 23/11/2016

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro). 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LARAIA, R. de B. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LIMA, J. G. Informações genealógicas do povo de Tinguí e Alto dos Coelhos. **Documento datilografado de acervo pessoal**. Água Branca. p. 1-22, 2005.

MACIAL, C. A. A. Hermenêutica da paisagem sertaneja: possibilidades de interpretação do conhecimento geográfico local. In: ROSAS, S. C; BRANDÃO, T. M. P. (orgs.). **Os sertões: espaços, tempos, movimentos**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2010.

MARQUES, L. M; BRANDÃO, C. R. As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar. **Ateliê geográfico**, Goiânia, v. 9, n. 3, p. 7-26, dez. 2015.

MEDEIROS, R. M. V. Território, Espaço e Identidade. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP, 2008. p. 217-227.

MELLO, L. G. de. Conceito de cultura. In: MELLO, L. G. (org.). **Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NEVEZ, V. F. A. Pesquisa-ação e etnografia: caminhos cruzados. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**. v. 1, n. 1, p. 1-17, Jun. 2006.

NÚCLEO DE ECONOMIA REGIONAL E URBANA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: NEREUS. **Base Cartográfica 2017**.

PAULA, A. M. N. R. de. O sertão é uma espera enorme: a comunidade da Barra do Pacuí. In: COSTA, J. B. de A.; OLIVEIRA, C. L. (orgs.). **Cerrado, gerais, sertão: comunidades tradicionais nos sertões roseanos**. 1. ed. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 93-115.

RAFFESTIN, C. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (org) **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP, 2008. p. 17-35.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A; SPOSITO, E. S. (orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP, 2008. p. 217-227.

SAQUET, M. A; BRISKIEVICZ, M. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**. vol. 1, n. 31, p. 3-16, 2009.

SOUZA, A. F. G. de. Saberes dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. In: MARAFON; Glaucio José; [et. al.]. **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

SOUZA, A. G. de. Ser e viver enquanto comunidade tradicional. **Mercator**, Fortaleza, v. 11, n. 26, p. 106-120, set/ dez. 2012.

WOORTMANN, E. F. **Significados da terra**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

ZONEAMENTO AGROECOLÓGICO DE ALAGOAS: ZAAL. **Base Cartográfica 2014**.

**ANEXOS**

## ANEXO 1

**ENTREVISTA 01 COM OS MORADORES DO POVOADO ALTO DOS COELHOS**

## DADOS PESSOAIS

NOME:

IDADE:            DATA:

- 1) Há quanto tempo você e sua família reside na comunidade?
- 2) Tem vontade de deixar a comunidade? Por quê?
- 3) Qual a influência que as práticas religiosas exercem sobre a comunidade?
- 4) Quais festas populares existem no povoado e o que elas representam para você?
- 5) O que acontece nas festas promovidas pelo povoado?
- 6) Quais atividades econômicas você desenvolve?
- 7) Você se considera nordestino? Por quê?
- 8) O que o povoado Alto dos Coelhos tem de diferentes dos demais?
- 9) Quais são os espaços de lazer do povoado que você frequenta?
- 10) Quais as tradições do povoado?

**ENTREVISTA 02 COM OS MORADORES DA COMUNIDADE ALTO DOS COELHOS EM ÁGUA BRANCA – AL**

## DADOS PESSOAIS

NOME:

IDADE:            DATA:

- 1) Há quanto tempo você e sua família reside na comunidade?
- 2) Qual a história de formação do povoado?
- 3) Como aconteceu a ocupação no Alto?
- 4) Qual é o seu principal meio de trabalho?
- 5) Você trabalha na agricultura? Com quem você aprendeu?
- 6) Qual a importância da família para você?
- 7) Quais ensinamentos você aprendeu com seus pais e ensinou para seus filhos?
- 8) Quais são as tradições/costumes do povoado?
- 9) Como se dar a relação de padrinho e afilhado?
- 10) O que é o sertão para você?

**ENTREVISTA 03 COM FEIRANTES DA COMUNIDADE  
ALTO DOS COELHOS EM ÁGUA BRANCA – AL.**

**DADOS PESSOAIS**

**NOME:**

**IDADE:            DATA:**

- 01) A quanto tempo você é feirante?
- 02) Aprendeu a profissão com quem?
- 03) Quais as feiras que coloca barraca?
- 04) Como acontece o processo de cultivo das hortas e demais alimentos plantados para comercialização?
- 05) Vocês se dividem para ajudar um ao outro ou cada um cuida do seu canteiro?
- 06) Na hora da colheita há coletividade?
- 07) Só comercializa o que planta ou compra pra revender?
- 08) A feira é sua única fonte de renda?
- 09) Você aprendeu a trabalhar na agricultura com quem?
- 10) Você ensina a seus filhos a trabalhar na agricultura?
- 11) Seus filhos te acompanham na feira?
- 12) Você mudou a maneira de plantar e a quantidade de alimentos cultivados depois da vinda do canal do sertão?
- 13) Como foi a chegada do Canal do Sertão?
- 14) Precisa de autorização para usar a água do canal?

## ANEXO 2



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CAMPUS DO SERTÃO**  
**GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



Nome completo do(a) estudante pesquisador(a): \_\_\_\_\_

Documento de identificação: \_\_\_\_\_

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA PARA FINS CIENTÍFICOS**

Por meio deste, autorizo a aluna Patrícia Quirino Rocha a utilizar e publicar os dados fornecidos por mim através de entrevistas e observações, além do meu nome e da minha imagem em trabalhos exclusivamente acadêmicos e no Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulado “Cultura e identidade no Sertão de Alagoas: um estudo sobre a comunidade tradicional Alto dos Coelhos em Água Branca – AL”.

Delmiro Gouveia, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

---

(Assinatura do entrevistado)